



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

**A RODA DE CONVERSA DIALÓGICA COMO PESQUISA E INTERVENÇÃO:
UMA ANÁLISE DA MUDANÇA NA COMPREENSÃO DA QUALIDADE DE VIDA**

ERLÂNDIA SILVA PEREIRA

UBERLÂNDIA

2018

ERLÂNDIA SILVA PEREIRA

**A RODA DE CONVERSA DIALÓGICA COMO PESQUISA E INTERVENÇÃO:
UMA ANÁLISE DA MUDANÇA NA COMPREENSÃO DA QUALIDADE DE VIDA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Ciências da Saúde

Orientador: Prof. Dr. Rogério de Melo Costa Pinto

Coorientadora: Profa. Dra. Helena Borges M. da Silva Paro

UBERLÂNDIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- P436r
2018
- Pereira, Erlândia Silva, 1967
A roda de conversa dialógica como pesquisa e intervenção [recurso eletrônico] : uma análise da mudança na compreensão da qualidade de vida / Erlândia Silva Pereira. - 2018.
- Orientador: Rogério de Melo Costa Pinto.
Coorientadora: Helena Borges M. da Silva Paro.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.494>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Ciências médicas. 2. Qualidade de vida. 3. Trabalhadores. 4. Saúde e trabalho. I. Pinto, Rogério de Melo Costa, (Orient.). II. Paro, Helena Borges M. da Silva, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. IV. Título.

CDU: 61

FOLHA DE APROVAÇÃO

Erlândia Silva Pereira.

A roda de conversa dialógica como pesquisa e intervenção: uma análise da mudança na compreensão da qualidade de vida.

Presidente da Banca: Prof. Dr. Rogério de Melo Costa Pinto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia-MG, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Saúde.
Área de concentração: Ciências da Saúde

Banca Examinadora

Titular: Prof. Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão

Profa. Dra. Instituição: Universidade do Estado de Minas Gerais

Titular: Prof. Dra. Margot Riemann Costa e Silva

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC)

Titular: Prof. Dra. Ana Elisa Madalena Rinaldi

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Titular: Prof. Dra. Rosuita Fratari Bonito

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia, 28 de setembro, de 2018

DEDICATÓRIA

À minha família, com quem fui e sou aprendiz
do ato de amar.

AGRADECIMENTOS

As Rodas de Conversa Dialógicas marcaram a minha vida como pesquisadora e como trabalhadora da saúde. Minha grande dificuldade ao escrever estes agradecimentos reflete o fato de que sou grata a muitas pessoas, instituições, familiares, amigos, professores, alunos, que, ao longo de minha trajetória como docente e Assistente Social, somaram com suas presenças várias contribuições na minha vida que, conseqüentemente, transpareceram neste trabalho. Nesse sentido, são muito difíceis os agradecimentos nominais em razão de que a limitação da memória poderia incorrer em injustiça com alguém. No entanto, aqueles que estão mais próximos neste momento representam para mim todas as demais pessoas a quem devo gratidão e reconhecimento pelo aprendizado que agreguei com este trabalho.

Agradeço à banca examinadora composta pela professora Dra. Rosuila Fratari Bonito, que me acompanha desde o início da pós-graduação, e por ter me incentivado com seu olhar comprometido com o devido cuidado ao trabalhador. À Dra. Ana Elisa Madalena Rinaldi, docente das aulas de Epidemiologia Geral, que percebeu, com seu olhar científico, detalhes importantes da proposta de investigação, contribuindo por meio de suas aulas, auxiliando-me na trajetória da construção do conhecimento. À Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão, que me alertou em relação a pontos significativos os quais mereceram, de minha parte, um debruçar mais atencioso na discussão dos dados. Finalmente, a querida Margot Riemann Costa e Silva, que, desde o início da minha Pós-graduação acreditou no meu trabalho e me incentivou no campo da pesquisa aplicada como conhecimento genérico. A você meu respeito e admiração.

Aos meus orientadores, Dr. Rogério de Melo Costa Pinto, pelo acolhimento acadêmico e pela sensibilidade de pesquisador na captura dos caminhos dos quais necessitei para atingir os objetivos desta pesquisa, e por sua reiterada persistência e olhar científico na orientação. À minha coorientadora, Dra. Helena Borges M. da Silva Paro, pelas importantes contribuições que vieram por meio do seu olhar perscrutador, alertando-me na análise crítica e construção do texto monográfico.

À Dra. Maristela de Souza Pereira, que foi, para mim, um exemplo de determinação no comprometimento com os trabalhadores, mais detidamente no que se refere ao trabalho com grupos.

Ao Prof. Dr. Flander de Almeida Calixto, por suas ricas contribuições como estudioso de Paulo Freire.

Ao colega José Humberto Arruda por compartilhar comigo seus conhecimentos estando à frente do Programa de Controle da Dengue.

À Maria Tereza Nascimento Maruyama Pinheiro, pela sua gentileza no auxílio na formatação final deste texto.

À Mestra Barbara Maria Turci, pela generosidade em partilhar comigo essa caminhada; sem o seu apoio, o resultado não seria o mesmo. A você, meu afeto e admiração.

A Natália Pereira Martins, minha filha, que me acolheu em cada passo dessa trajetória. Com sua bondade, cooperou com a interminável digitação dos dados. A você, meu amor incondicional.

Por último, não poderia deixar de agradecer aos trabalhadores que se dispuseram a participar da pesquisa, propiciando a construção do conhecimento que envolve as histórias de suas vidas. Espero que este trabalho possa contribuir na vida de outros trabalhadores que enfrentam problemas semelhantes a esses, os quais emergiram nas rodas de conversa. Agradeço pela confiança que depositaram no meu trabalho e espero ter trazido para eles algo de mim, do mesmo modo como eles deixaram algo deles comigo.

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura
Guerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sonho
Que os tornem refeitos
É triste ver este homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que traz no peito
Pois...

Gonzaguinha (1983)

RESUMO

A presente pesquisa se constitui como uma pesquisa-intervenção realizada com Agentes de Controle de Zoonoses (CCZ) – Programa de Controle de Dengue. O objetivo foi de avaliar a efetividade da intervenção das Rodas de Conversa Dialógicas para o refinamento da percepção da Qualidade de Vida (QV) desses trabalhadores. Em meio a isso, identificam-se as variações da percepção da Qualidade de Vida pelos participantes quando inseridos nas Rodas. Para tanto, é utilizado o instrumento *WHOQOL-bref* para a coleta de dados quantitativos relacionados à Qualidade de Vida dos sujeitos da pesquisa, e as Rodas de Conversa Dialógicas como instrumento de coleta de dados qualitativos e também como espaço mediador entre o questionário e os trabalhadores. A metodologia empregada envolve, dessa forma, tanto a análise quantitativa e de conteúdo desses dados, como uma análise do discurso dos trabalhadores a partir de suas falas nas Rodas de Conversa Dialógicas, em que a pesquisadora se apropria de um olhar freiriano para realizar a discussão, que apresenta falas próprias dos participantes das Rodas de maneira elucidativa e explicativa. A partir, então, da análise dos quatro domínios avaliados pelo *WHOQOL-bref*: Físico, Psicológico, Social e Ambiental, o que pode ser percebido, sobre as diferenças de escores (percentual) entre os momentos da pesquisa, é, primeiramente, que há uma mudança na percepção da QV significativa entre pelo menos dois dos momentos, o que fica expresso entre os momentos 0 e 1, com a realização de cinco Rodas entre eles. O principal resultado que pode ser percebido diz respeito ao fato de que a Roda de Conversa Dialógica cumpre seu objetivo, já que uma vez discutidos os aspectos relacionados à qualidade de vida, o retorno para o questionário é efetuado de forma mais reflexiva, em que o próprio instrumento pode se aproximar da realidade dessas pessoas. Fica explícito, ainda, o fato de que não é qualquer grupo que permite a lapidar da percepção sobre qualidade de vida, já que a Roda de Conversa Dialógica é organizada de maneira a proporcionar acolhimento, encontros/confrontos dos sujeitos com o outro, e, de modo singular, consigo mesmo, enfrentando a estagnação e a massificação de seu cotidiano para desnaturalizar o que é construído como a sua vida.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador. Qualidade de Vida. Metodologia Freiriana. Intervenção. Grupo.

ABSTRACT

The present research constitutes as a research-intervention carried out with Control Agents of Zoonoses (CCZ) - Dengue Control Program. The objective was to evaluate the effectiveness of the intervention of the Dialogical Conversation Wheels for refinement of the perception of Quality of Life of these workers. In the midst of this, the variations of the perception of the Quality of Life by the participants when inserted in the Wheels are identified. For that, the WHOQOL-bref instrument is used to collect quantitative data related to the Quality of Life of the research subjects, and the Dialogical Conversation Wheels as a tool for collecting qualitative data and also as a mediating space between the questionnaire and the workers. The methodology used thus involves both the quantitative and content analysis of these data, as well as an analysis of the workers' discourse from their speeches in the Dialogical Conversation Wheels, in which the researcher appropriates a Freirean look to carry out the discussion, which presents the speech of the participants of the Wheels itself in an elucidatory and explanatory way. . From the analysis of the four domains evaluated by the WHOQOL-bref: Physical, Psychological, Social and Environmental, what can be perceived about the differences of scores (percentage) between the moments of the research, is, firstly, that there is a significant change in the perception of QV between at least two of the moments, which is expressed between moments 0 and 1, with the realization of five wheels between them. The main result that can be perceived concerns the fact that the Dialogical Conversation Wheel fulfills its objective, as the aspects related to quality of life are discussed, the return to the questionnaire is carried out in a more reflective way, in which the instrument itself can approach the reality of these people. It is also explicit that it is not any group that allows us to refine the perception about quality of life, since the Wheel of Dialogic Conversation is organized in such a way as to provide reception, encounters / confrontations of the subjects with the other, in a singular way, with himself, facing the stagnation and the massification of his daily life to denaturalize what is constructed as his life.

Keywords: Health of the worker; Quality of life; Freirean methodology; Intervention; Group.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Relação conceitual entre qualidade de vida, bem-estar e saúde (Tengland, 2006)	18
Figura 2 – Fluxograma seleção de participantes da pesquisa (Agentes de Controle de Zoonoses)	37
Figura 3 – Escores médio dos quatro domínios do WHOQOL- <i>bref</i> nos grupos (ACZ) nos Momentos 0, 1 e 2	51
Figura 4 – Avaliação dos Trabalhadores referente à Qualidade de Vida nos Momentos 0,1 e 2.....	52
Figura 5 – Avaliação dos Trabalhadores quanto ao grau de satisfação referente à Saúde nos Momentos 0,1 e 2.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos ACZ.....	49
Tabela 2 – Escores das escalas sobre a percepção dos trabalhadores referente a qualidade de vida nos Momentos: 0, 1 e 2	50

LISTA DE QUADROS

Principais atividades realizadas pelo Programa de Controle da Dengue (Centro de Controle de Zoonoses) em Uberlândia.....	35
--	----

LISTA DE SIGLAS

ACZ – Agentes de Controle de Zoonoses

ANOVA – Análise de Variância

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia

OMS – Organização Mundial de Saúde

PACS – Programa de Agentes Comunitários de Saúde

PCD – Programa de Controle de Dengue

PSF – Programa de Saúde da Família

QV – Qualidade de Vida

RCD – Rodas de Conversa Dialógicas

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

WHOQOL - World Health Organization Quality of Life

WHOQOL-*bref* – World Health Organization Quality of Life - *bref*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Qualidade de Vida: um conceito de várias dimensões	16
1.2 Saúde do Trabalhador: um cuidado em pauta nas Rodas de Conversa Dialógicas ...	21
1.3 O Grupo, o pensamento de Paulo Freire e a inspiração para as Rodas de Conversa Dialógicas	25
2 OBJETIVOS	32
3 MATERIAL E MÉTODOS	33
3.1 Procedimentos éticos	34
3.2 Amostra	34
3.3 Instrumentos: WHOQOL-bref e as Rodas de Conversa	37
3.3.1 WHOQOL-bref (<i>World Health Organization Quality of Life</i>).....	38
3.3.2 Rodas de Conversa Dialógicas	38
3.4 Procedimentos	41
3.5 Procedimento da Análise	42
3.5.1 Análise Estatística	42
3.5.2. Um método de investigação e intervenção: a Roda de Conversa Dialógica como metodologia	43
4 RESULTADOS	48
5 DISCUSSÃO	54
6 CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE A – DINÂMICA DAS RODAS DE CONVERSA DIALÓGICAS	84
APÊNDICE B – DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS.....	87
ANEXO A – PARECER DO CEP-UFU-MG.....	88
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	96
ANEXO C – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA WHOQOL-BREF.....	98

Diante de um funcionamento social contraditório, em que aspectos culturais são naturalizados e questões singulares são massificadas, pensar em uma pesquisa com seres humanos exige refletir sobre seu não reconhecimento em sua própria existência. No caso desse processo, que também se constitui como intervenção, os sujeitos são trabalhadores que não se reconhecem nos resultados de seu trabalho e que, na maioria das vezes, não se dão conta dos percalços que enfrentam no caminho.

Essa pesquisa-intervenção foi, então, realizada com Agentes de Controle de Zoonoses (ACZ) do Programa de Controle de Dengue (PCD) e conta com o objetivo principal de avaliar a efetividade da intervenção das chamadas Rodas de Conversa Dialógicas na percepção da Qualidade de Vida (QV) desses trabalhadores. Em meio a isso, identificam-se as variações da percepção da QV pelos ACZ quando inseridos nas Rodas

Para tanto, foi utilizado o instrumento *WHOQOL-bref* (THE WHOQOL GROUP – WHOQOL, 1998) para a coleta de dados quantitativos relacionados à qualidade de vida dos sujeitos da pesquisa, e as Rodas de Conversa Dialógicas como instrumento de coleta de dados qualitativos e também como espaço mediador entre o questionário e os trabalhadores. Para esta tese, valeu-se de parte desses dados, de ambos instrumentos, que auxiliam de forma direta no alcance do objeto desta pesquisa, que envolve uma análise quantitativa juntamente à análise de conteúdo e de discurso dos resultados.

De acordo com o *WHOQOL-bref* (WHOQOL, 1998) quanto maior a pontuação calculada, melhor será a percepções da qualidade de vida da população. A hipótese dessa tese se direciona, no entanto, à crença de que, em um contexto cujos acontecimentos são naturalizados e enrijecidos, sem estarem apropriados de seus processos de constituição e de sua própria realidade cotidiana, os sujeitos não têm a oportunidade de refletir profundamente sobre o que estão respondendo no questionário. Dessa forma, a hipótese do presente trabalho é que as Rodas de Conversa Dialógicas, em sua metodologia, abrem mais possibilidades de reflexão sobre as questões do instrumento e, consequentemente, sobre sua qualidade de vida.

Essa reflexão, por sua vez, tende auxiliar a criação de alternativas por parte dos participantes: modos de vida que, a princípio, não eram percebidos individualmente, mas que, enriquecidos pela estratégia das Rodas, podem emergir. Dessa forma, o presente trabalho expõe uma metodologia que inspira o cuidado com trabalhadores da área da saúde e com grupos humanos de uma forma geral, contribuindo para a construção de caminhos na melhora

da qualidade de vida da população, mesmo considerando as inúmeras contradições em nossa sociedade.

É importante destacar, ainda, a essencialidade do próprio trabalhador na constituição de seus processos de trabalho e, na condição de sujeito, de si mesmo, já que é ele quem trabalha, é dele que se exige, e, assim, é ele quem tem a capacidade de analisar suas próprias condições, sendo ele quem sofre com os desgastes desse dia a dia, e sendo ele quem adocece.

1.1 Qualidade de Vida: um conceito de várias dimensões

O conceito de Qualidade de Vida é pautado na Organização Mundial de Saúde como a percepção da posição do indivíduo na vida, no contexto dos sistemas de cultura e de valor em que ele vive, em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações (WHOQOL 1995). De maneira complexa e abrangente, esta perspectiva aborda quatro domínios, chamados: Físico, Psicológico, Relações Sociais e Meio Ambiente; que refletem uma avaliação que é subjetiva, mas que sempre é vista como inserida em um contexto cultural e social.

Como tal, segundo o WHOQOL (1995), a Qualidade de Vida tem um conceito multidimensional não pode ser simplesmente equiparada com os termos: "estado de saúde", "estilo de vida", "satisfação da vida", "estado mental", ou "bem-estar", mas, pelo contrário, é um conceito multidimensional incorporando o sujeito da percepção destes e de outros aspectos da vida.

Martins (2002) aponta para a ligação entre a qualidade de vida e o desenvolvimento humano, colocando-a como abrangente tanto de aspectos materiais como não materiais e, de uma forma genérica, como a satisfação de um espectro de necessidades humanas, estando relacionada também ao Desenvolvimento Sustentável e à busca da felicidade (SACHS, 2007). Ao expressar sobre felicidade, ainda, não se refere a emoção momentânea ou estado de espírito, mas de otimismo em relação às condições sociais da vida do sujeito, de satisfação com a própria vida, sendo essa situação, segundo Salzano (2013), correlata à Qualidade de Vida.

Dessa forma, pensar em Qualidade de Vida significa atentar para a complexidade de fatores que a envolvem, deslocando-se de um modelo biomédico e direcionando-se para a multidimensionalidade desse conceito, que abrange, para além de aspectos materiais e do quanto é a essa variedade de questões separadamente, o modo como o sujeito se percebe e se

relaciona com essas variáveis de forma transversal com sua própria realidade, com sua história e seu contexto.

Kran e Ferreira (2006) contam que, antes de se chegar a essas conceituações, no entanto, na década de 1960, o termo Qualidade de Vida estava expressamente ligado ao crescimento econômico, prevalecendo uma visão economicista do desenvolvimento da sociedade e, consequentemente, da qualidade de vida, já que, segundo Herculano (2000), esta serve de base para as questões sociais, estando profundamente entrelaçadas.

Esse fato histórico pode confundir a qualidade de vida com o simples acesso a todos os bens que a simbolizam, o que, na verdade, se configura apenas como um dos fatores constitutivos desse campo e não com o todo da qualidade de vida, sendo que o consumo por si só pode, inclusive, agravar problemas como a desigualdade social (SALZANO, 2013).

Barbosa (1996) aponta, ainda, para os perigos de esse conceito se tornar um ideal generalizado a ser alcançado e afirma sobre a necessidade de a qualidade de vida ser pensada tanto em termos coletivos como individuais. São essas contradições que se dirigem à necessidade de reformulações constantes no termo qualidade de vida, atentando-se para a multifatorialidade de aspectos que ela contempla e que a constituem; contextualizando o conceito em termos sociais, culturais, políticos, econômicos, e do desenvolvimento humano singular de cada sujeito; atrelando-o a outros campos que se relacionam com a qualidade de vida de forma direta.

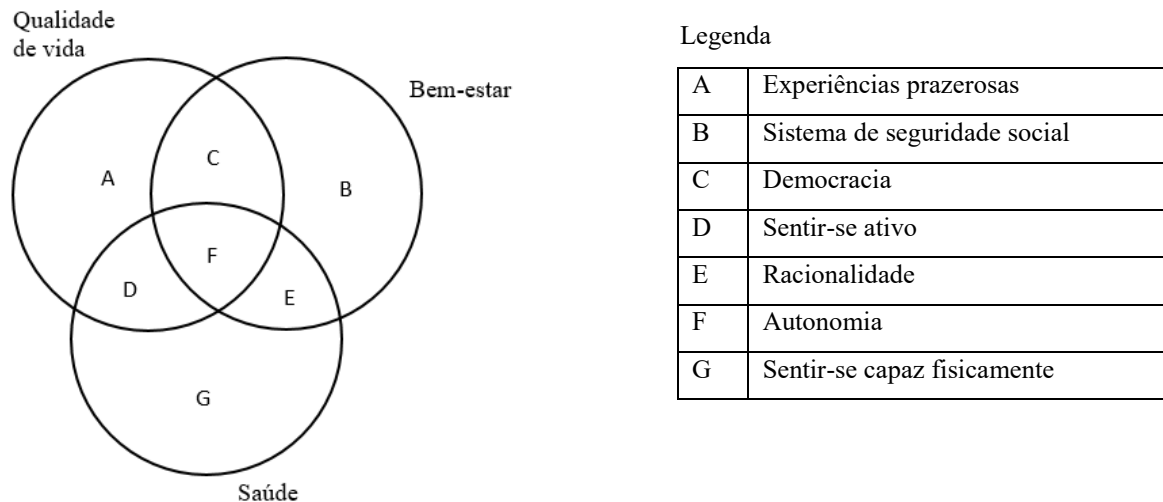
Ao pensar na relação direta entre qualidade de vida e saúde, por sua vez, uma relação causal é construída entre o conceito, os fatores subjetivos singulares e os fatores culturais, internos e externos ao sujeito, em um processo que continua atrelando-o intimamente às suas relações interpessoais e sua relação com sua própria realidade. Esse entrelaçamento é um objetivo central para a medicina e, portanto, para o trabalho em saúde pública de uma forma geral, incluindo a promoção da saúde e educação em saúde (TENGLAND, 2006), e a questão remanescente nesse campo diz respeito, no entanto, a como esse trabalho tem sido feito.

Como bem expressa Tengland (2006), apesar do destaque dado à Qualidade de Vida no ambiente da saúde, a individualização e o enfoque destinado aos aspectos físicos dos sujeitos ainda é massivo, em que a saúde continua sendo sinônimo de ausência de doença, um movimento que torna as pessoas a-históricas e segregadas de suas relações sociais. Pensar saúde, para o autor, significa, ao contrário, se ater, necessariamente, a todos os aspectos que constituem os sujeitos, sendo eles sociais, econômicos, políticos, psicológicos, inter-

relacionais, ou singulares e, portanto, disponibilizar práticas que abarquem essa multiplicidade de áreas.

Esses campos, por sua vez, são descritos por Tenglant (2006) da seguinte forma:

Figura 1 - Relação conceitual entre qualidade de vida, bem-estar e saúde.



Fonte: Tenglant (2006, tradução nossa).

Tenglant (2006) simbolizou por meio de círculos três áreas importantes para o trabalho em saúde: qualidade de vida, saúde e bem-estar em interconexão e identificou características entre elas.

O círculo da QV interconectado com o bem-estar e a saúde apresenta na intersecção quatro características: (A) experiências prazerosas, (C) democracia, (D) sentir-se ativo-motivado e (F) autonomia.

O círculo do Bem-estar interconectado com a qualidade de vida e a saúde também apresenta na intersecção quatro características (B) Segurança social, (C) democracia, (E) racionalidade e (F) autonomia.

O círculo da saúde interconectado com a qualidade de vida e bem-estar apresenta na intersecção, apresenta quatro características (D) sentir-se ativo, motivado, (E) racionalidade, (F) autonomia e (G) sentir capaz fisicamente.

Para os termos desta pesquisa uma característica basilar identificada pelo autor é a autonomia (F), que pode ser percebida como aspecto primordial na vida do sujeito, que tanto constitui o bem-estar, a saúde e, por fim, a qualidade de vida.

Buscando encontrar uma relação do pensamento de Tenglant (2006) com a visão de Paulo Freire podemos iniciar um ensaio teórico ao alinhar as características encontradas nos

três alvos do trabalho em saúde interconectadas aos círculos simbolizadores na figura 1. Tengland (2006) recupera a qualidade de vida, o bem-estar e a saúde como interdependentes. Nesse sentido, o autor, ao fazer a intersecção dos círculos identifica a opção democrática em que os sujeitos estão coparticipantes de decisões e ações que envolvem suas vivências coletivas, refletindo no trabalho e vida social. Embora a democracia contemporânea tem sido muito criticada em resposta às demandas sociais por perspectivas mais igualitárias e justas ela tem sido o melhor caminho encontrado pelos povos para uma convivência menos violenta. O autor associa o bem-estar à participação coletiva implícita em uma democracia como fatores integrativos a qualidade de vida. Logo, a democracia implica na participação ativa do cidadão quando ela é efetiva em uma sociedade. Uma sociedade democrática pressupõe a existência de sujeitos que tenham a capacidade de fazer suas escolhas dentro de um mínimo de liberdade nas suas decisões, isto é, sujeitos que sejam portadores de autonomia.

É a partir do viés observado na presença da democracia e sua conexão genética com a autonomia que o pensamento freiriano pode encontrar um campo fértil para a aproximação teórica com Tengland.

Para Paulo Freire a democracia é um processo coletivo a partir da liberdade de desvendamento do mundo por meio de uma solidariedade individual e social. O autor, então, percebe na opção democrática uma construção mediada pela educação.

Acreditavam [as classes populares] na democracia que estavam construindo juntos, no direito "popular" que começavam a codificar, na educação igualmente popular, progressista, democrática, a que iam dando forma. Acreditavam na solidariedade individual e social em que se sentiam e se sabiam crescendo. (FREIRE, 1992, p.92)

Neste sentido o ato educativo aponta para um caminho na liberdade de escolha advinda da construção autonomizadora do sujeito, retirando-lhe da condição de ser dependente, habilitando-o no exercício da tomada de decisão.

“(...) É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua *dependência*. Sua autonomia que se funda na *responsabilidade* que vai sendo assumida”. (FREIRE, 1996, p.105)

“(...) A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (...)”. (FREIRE, 1996, p.120)

“(...) A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser (...)”. (FREIRE, 1996, p.121)

Dessa forma Tengland (2006) traz a democracia na intersecção de círculos e deles abstrai a opção democrática estreitamente conectada à autonomia. Para Tengland (2006) das três áreas interconectadas a autonomia é a única característica comum a todas elas, devido a sua importância no enlaçamento da qualidade de vida, bem-estar e saúde. Igualmente para Paulo Freire é por meio de uma opção democrática e somente por ela que os sujeitos no ato de educar-se e desvendar o mundo, pela apropriação do saber mais construído coletivamente, a autonomia é a condição basilar de liberdade que irá qualificar as relações entre os sujeitos para a vida em sociedade.

A autonomia quando vista no recorte da saúde implica que os sujeitos estejam em condições para tomada de decisão, possam fazer as suas escolhas possíveis. A roda de conversa dialógica chega trazendo o espaço da liberdade do dizer a “sua palavra” (FREIRE) esse movimento vivenciado no coletivo dos trabalhadores os empodera pelo espaço democrático de fala em que é estruturado. Uma vez que há liberdade de refletir o cotidiano individual e coletivo vai se formando um processo de autonomia gradual e progressivo consequente da ação e reflexão que os diálogos promovem no grupo. Portanto, a autonomia produzida pela Roda é consequente de um exercício individual e coletivo dos participantes.

Nesse sentido, a Roda de Conversa Dialógica se mostra como uma metodologia de intervenção ativa em promoção de saúde, criada, primeiramente, a partir da inquietude com práticas de grupo e com intervenções em saúde caracterizadas pelo a-historicismo, funcionalismo e tecnicismo. É a partir do trabalho realizado nas “Rodas de Conversa: cuidando do trabalhador” (PEREIRA, 2015) que se vislumbrou uma trajetória diferente das tradicionais técnicas com grupos. Seu objetivo é o de constituir uma ação sintonizada com os problemas das pessoas, em um movimento para transformar pensamentos cristalizados, por meio da invenção de alternativas, com o intuito de aproximação da autonomia indispensável no processo de maturidade do sujeito.

Assim, tem-se, com as Rodas, uma metodologia de intervenção, mas também de pesquisa, visto que, na medida em que promove deslocamentos de posições reificadas, busca construir e qualificar os dados presentes neste contexto.

Os grupos realizados têm a característica primeira e primordial de considerar os sujeitos em sua integralidade e de conhecer o próprio contexto e, principalmente, seu ambiente de trabalho constituinte de si mesmos. Acredita-se, então, em um diálogo em que não haja possibilidade de separação entre a fala dos participantes, sua história e seu cotidiano,

um entrelaçamento que é tênue no dia a dia dos trabalhadores que sofrem com a individualização e que é, portanto, necessário.

Possibilitar que os membros do grupo falem no ambiente da Roda é dar espaço para que sua palavra tenha validade e circule de uma forma que não acontece naturalmente em suas relações cotidianas, o que gera um processo por parte do sujeito de apropriação do próprio discurso, de encontro ou confronto com diferentes modos de viver de outros membros do grupo, entre outros resultados a serem apresentados, suscitadores de autonomia, de desnaturalizações e de movimentações que tenham uma relação direta com a saúde e, portanto, com a Qualidade de Vida desses trabalhadores.

1.2 Saúde do Trabalhador: um cuidado em pauta nas Rodas de Conversa Dialógicas

O conceito de saúde é entendido por diversos autores como um processo histórico e contextualizado. Laurell (1982) observa que, dentro de uma mesma classe, por exemplo, diferentes concepções de saúde têm que ser pensadas, ou seja, ela não se constitui como um fenômeno biológico e individual, mas como social e coletivo, o que não fica ainda explícito em nossa sociedade (LAURELL, 1982).

Este modo de entender a relação entre o processo social e o processo saúde doença aponta, por um lado, o fato de que o social tem uma hierarquia distinta do biológico na determinação do processo saúde-doença e, por outro lado, opõe-se à concepção de que o social unicamente desencadeia processos biológicos imutáveis e a-históricos e permite explicar o caráter social do próprio processo biológico. Esta conceituação nos faz compreender como cada formação social cria determinado padrão de desgaste e reprodução e sugere um modo concreto de desenvolver a investigação a este respeito. (LAURELL, 1982, p. 15).

Assim, diferentes situações em saúde são vivenciadas em função dos recursos existentes em relação a ela, sendo que a ação e a reação dependem dessa contextualização dos sujeitos. Em um universo como do trabalho, onde, na maior parte das vezes, há culpabilização dos trabalhadores pelo seu próprio processo de adoecimento, tal constatação é mais um fator defensor da necessidade de implicação do trabalho em si nessa discussão um exercício necessário ao combate à dominação do capital nesse campo: um cotidiano repleto de naturalizações que fazem crescer e diversificar as formas de sofrimento ligadas a esse contexto (CARDOSO, 2015).

O cuidado em saúde do trabalhador, portanto, perpassa por diversas mudanças referentes a aspectos da história e do contexto em que esse campo foi pensado e articulado.

No contexto da Revolução Industrial, início do século XIX, a busca primordial era pela garantia de quantidade e qualidade de produção nas fábricas, em que os operários assumiam modos de vida acelerados e desumanos que os levariam a não sustentar essa demanda, caso uma intervenção não fosse realizada. Assim, em 1830, surge a primeira prática em saúde direcionada ao trabalho, ainda como um método médico-centrado (MENDES; DIAS, 1991).

Esse enfoque, por sua vez, atribui características remanescentes ainda hoje a esse cuidado, sendo importante o enfoque dessa perspectiva, chamada positivista por Mendes e Dias (1991), na biologicidade do trabalhador, o que significa deixar sua história e contexto à margem, tornando-o estagnado, passivo e individualizado. Consequentemente, as questões de saúde/doença dizem respeito apenas ao próprio sujeito, pois não se atribui a elas qualquer aspecto social, em uma concepção exclusivamente física, referente à doença do corpo. Por esse viés, mesmo que outros aspectos da vida do trabalhador fossem considerados, o seriam de forma isolada, e além, disso, as condições de trabalho concretas e estruturantes de sua vida não eram pensadas como parte desse espectro.

Apesar de não respeitadas, as questões que envolvem a realidade do trabalho do sujeito continuam sendo constitutivas deste e, portanto, fundamentais, de forma que, ao não terem recebido a devida importância, seguiram sendo gritantes fontes de adoecimento e produziram falhas na metodologia interventiva já apresentada. Mesmo no Brasil, onde surgiu mais tarde, esse modelo de medicina mecanicista não conseguiu atender nem a demanda de continuidade de produção nas fábricas, por não ter se prestado à interdisciplinaridade, por se quer não ter acompanhado os processos de transformação do trabalho e por pensar os trabalhadores apenas como uma extensão da fábrica (MENDES; DIAS, 1991).

Faz-se necessário, a partir de então, pensar a saúde do trabalhador atrelada a múltiplos aspectos de sua vida, incluindo os processos de trabalho. Ao mesmo tempo, a saúde, de uma forma geral, passa por novas e revolucionárias construções, a partir de movimentos sociais dos usuários da rede de saúde, dos familiares dos usuários e dos próprios trabalhadores da rede, que propõem estratégias de promoção e prevenção em saúde e exigem, a partir da década de 1970, melhores condições nesse ambiente, garantindo seus direitos (MENDES; DIAS, 1991).

Assim, o cuidado em saúde do trabalhador ganha mais magnitude para se construir na condição de um espaço de resistência e de fazeres históricos, em que o trabalhador ocupa a posição de ator social, ativo nas movimentações políticas, econômicas e sociais que o atravessam (LACAZ, 2007). É necessário, então, que esse processo passe a ser compreendido

e as intervenções sejam pensadas não em relação ao produto do trabalho desses sujeitos, mas à apropriação, por parte deles, de todas as dimensões que o envolvem como pessoa e trabalhador, em que o objeto principal de foco passa a ser “o processo saúde doença dos grupos humanos, em sua relação com o trabalho” (MENDES; DIAS, 1991, p. 347).

Atualmente, para Lacaz (2007), o campo da saúde do trabalhador tem se sustentado em um tripé fundamental: a produção acadêmica, a programação em saúde na rede pública, e o movimento dos próprios trabalhadores. O enfoque desse tripé está direcionado à instrumentalização de estratégias de prevenção de doenças e promoção de saúde, assim o conhecimento dos trabalhadores é, ao mesmo tempo, incorporado na produção acadêmica e nas estratégias em saúde e potencializa as próprias lutas na melhoria das condições de trabalho e na defesa por saúde.

Com base nessa abordagem, entende-se, então, a essencialidade da presença do trabalhador em seu próprio processo de promoção de saúde, já que ele compreende, melhor do que ninguém, sobre seu cotidiano, seus movimentos e, por isso, é fundamental na definição dos caminhos de seu cuidado. Considera-se, assim, a subjetividade do trabalhador e não o sujeito como mero objeto do seu local de trabalho, resgatam-se sua humanidade e suas potencialidades no processo de seu cuidado, promovendo autonomia, possibilitando a ele que seja ativo em seus posicionamentos e mudanças relativas à sua saúde e também no que diz respeito à sua realidade no trabalho (LACAZ, 2007).

Ainda segundo Lacaz (2007), o trabalhador passa a ser olhado e cuidado como dono de um saber válido e como um sujeito coletivo. Em lugar de um indivíduo a-histórico e descontextualizado, ele se torna participativo, não indiferente, não cabendo a essa abordagem tutelá-lo ou ensiná-lo de uma posição de saber superior, mas incorporá-lo em seu processo de cuidado. Em saúde do trabalhador dessa perspectiva, portanto, envolvem-se “corações e mentes, resgatando o social para embasar saberes e práticas em saúde” (LACAZ, 2007, p. 763).

Diante de todo o movimento contra hegemônico que constrói a história da saúde do trabalhador, Lacaz (2007, p. 764) cita, no entanto, o que ele chama de “fragilidade atual do movimento sindical”, representativa de um retrocesso na área, pela postura pouco engajada do tripé por ele mesmo demonstrado. Cardoso (2015), refere-se também, a problema atrelado ao Brasil: raramente, os membros das comissões de saúde ou os sindicatos têm acesso a informações relativas às condições de trabalho, já que esse ambiente é visto de maneira

privada, no qual ninguém, nem o Estado, podem intervir, principalmente em relação à organização e gestão.

A isso acrescentam-se, inclusive, as práticas que não deixaram de ser positivistas e que ainda optam em colocar o trabalhador como extensão não mais das fábricas, apenas, mas, atualmente, das grandes empresas. De forma não tão escancarada, o discurso continua sendo o do resgate da subjetividade e da promoção de saúde, em termos como cooperados e sócios, mas o objetivo nada mais é do que o da manutenção da produtividade com qualidade. O trabalhador, nesse caso, segue não se diferenciando de seu processo de trabalho e não conseguindo identificá-lo e indentificar-se, sendo massivamente explorado e levado, nas palavras de Cardoso (2015), à necessidade de contrariar convicções pessoais para conseguir atingir metas que são abusivas e adoecedoras, uma forma de gestão que está naturalizada nos dias de hoje e presente em diversos setores.

Antunes e Praun (2015) continua esclarecendo que o cumprimento das metas estabelecidas implica o aumento da intensidade do trabalho e da produtividade, mas não acarreta no aumento do compromisso por parte dos empregadores ou na melhoria das condições laborais que preservem ou promovam a saúde do trabalhador.

Nesse sentido, Seligmann-Silva (2011) atem-se à necessidade de se pensar as diferentes formas de dominação em suas relações sociais com o trabalho; na tecnologia dos processos de produção; e na organização do trabalho e da gestão inseridas nesse processo. Somente com essa reflexão, segundo a autora, envolvendo as mudanças políticas, econômicas e socioculturais entre esses aspectos, correlacionadas às forças capital/trabalho, é possível que se abarque, ainda sem conseguir dar conta da totalidade, da dominação exercida pelo capitalismo no contexto do trabalho e de suas repercussões na mente e na vida dos assalariados.

Marx (2013) toma o trabalho como uma característica essencial do humano, como aquilo que nos diferencia dos animais e que tem por característica ser pensado na sua teleologia por aqueles que o executam. Só a partir da divisão social do trabalho – com a compra da força de trabalho, na lógica capitalista de funcionamento da sociedade – que essa concepção foi modificada de forma brusca: o sujeito não mais tem noção completa, ou sequer tem noção, de seu próprio processo de trabalho, e trabalhar torna-se sinônimo de exploração.

As Rodas de Conversa Dialógicas aqui propostas representam, então, uma atuação correspondente ao tripé assinalado por Lacaz (2007), ao se constituir como um processo de

pesquisa em saúde do trabalhador, ao se levar em conta para os processos de saúde da rede pública e ao considerar fundamental o movimento dos próprios trabalhadores em sua prática.

Na busca pelo objetivo de avaliar a efetividade da intervenção das Rodas na percepção da qualidade de vida dos trabalhadores e, mais especificamente, de identificar as variações da percepção da QV destes quando inseridos nas Rodas de Conversa Dialógicas, gera-se uma intervenção que pensa o processo saúde-doença desses sujeitos em sua relação direta com o trabalho. Em meio a essas reflexões, abre-se a possibilidade de apropriação, por parte dos participantes, das dimensões que os envolvem como trabalhadores, gerando rupturas em modos de funcionar que, contraditoriamente, os desapropria de seus processos de produção no trabalho.

1.3 O Grupo, o pensamento de Paulo Freire e a inspiração para as Rodas de Conversa Dialógicas

Entender a existência e a importância dos grupos requer a compreensão primeira de que toda pessoa se constitui a partir de sua condição inexoravelmente social, em que, por meio das relações construídas em seus contextos, os sujeitos se apropriam de significações e atribuem sentidos a si mesmos e ao mundo em que vivem (DUARTE, 2000a; DUARTE, 2000b; SIRGADO, 2000; SMOLKA, 2000).

Zanella e Pereira (2001), ao dizerem de relações sociais, referem-se ao encontro/confronto entre diferentes sujeitos em espaços sociais distintos, e desses sujeitos com interlocutores indiretos e inevitáveis: a cultura, a história e as diferentes vozes que as constituem. Dessa forma, é inegável considerar os grupos como espaços possibilitadores desses acontecimentos.

São inúmeras, no entanto, as formas de os grupos serem olhados e de seu espaço ser trabalhado, a depender dos conceitos atribuídos ao que venha a ser um grupo para quem o propõe, aos objetivos buscados por este, ao modo como os membros do grupo são vistos e ouvidos e assim por diante.

Zimmerman (1997) ressalta que um grupo deixa de ser um mero agrupamento de pessoas, quando estas passam a ter interesses em comum em lugar de interesses comuns ao compartilharem de um espaço. Ou seja, para o autor, os integrantes de um grupo reúnem-se em torno de uma tarefa e de um objetivo comum ao interesse de todos. Outras características colocadas por Zimmerman (1997) são: um grupo institui leis e funcionamento próprios;

possui identidades específicas; garante a comunicação; garante a normatização de atividades propostas; os membros e o grupo se organizam em função um do outro; agregam forças contraditórias que tendem tanto à coesão quanto à desintegração; possuem interações afetivas; definem uma distribuição de posições hierárquicas.

Por sua vez, este trabalho converge com os estudos de Zanella e Pereira (2001) ao pensar que a condição fundamental para a existência de qualquer grupo é a de que aquilo que é singular, dos membros que o constituem, possa ter espaço igualitário de fala na construção dos compartilhamentos coletivos.

Como condição para a existência de um grupo é mister que haja “algo compartilhado” e que este “algo” não dizime as necessidades individuais ou descaracterize as singularidades que o constituem. O que está posto nas abordagens pesquisadas, respeitando suas diferenças, é que o grupo é tanto um espaço de conjunção de singularidades, instância que remete à diversidade de sujeitos, quanto do compartilhado, elo de ligação da pluralidade (ZANELLA; PEREIRA, 2001, p. 107).

Assim, com base em uma concepção histórica e dialética proposta por Lane (1980, 1981, 1984, 1989, 1998) e Lane e Freitas (1997), para além de um grupo se apresentar enquanto tal pela reunião de pessoas que compartilham normas e objetivos comuns, é necessário que ele seja compreendido mediante as relações e os vínculos entre os sujeitos com suas necessidades individuais e interesses coletivos, sendo visto como uma estrutura social, como uma realidade que não pode ser reduzida à soma de seus membros e que se atenta para as relações de poder e práticas compartilhadas, desenvolvendo uma identidade.

Outro aspecto de importante encaminhamento da visão grupal trazida nesta pesquisa é o do valor pela história de vida de cada membro do grupo, que traz, segundo Martins (2007), pelo menos dois níveis de análise: o da vivência subjetiva e o das determinações concretas do processo grupal, o que quer dizer que há momento em que o sujeito tem a oportunidade de contar sobre si, a oportunidade de entrar em contato com aspectos base de sua singularidade, que, por sua vez, fazem parte da dinâmica do grupo.

Caso seja levantada a questão, porém, de que essas histórias poderiam ser contadas individualmente, Lane (1981) esclarece a potência dos grupos: ao estarem juntos e ao dizerem, os sujeitos percebem problemas, que, muitas vezes, são semelhantes, são frutos de suas próprias condições sociais de vida e que a organização coletiva pode gerar mais movimentação do que ações individuais.

Supera-se, assim, segundo Martins (2007), o individualismo arraigado pelo funcionamento social capitalista, estruturante da contemporaneidade, para a realização de movimentações de ruptura, comunitárias e coletivas.

Paulo Freire, educador pernambucano, não buscou estudar grupos em sua inovadora experiência educativa, mas criou o “Círculo de Cultura” que opera a instrumentalidade do diálogo entre seus participantes, na proposta de alfabetização de adultos. Tal experiência nos remete ao exercício da tomada de consciência construída coletivamente, na direção da mudança de posições cristalizadas do cotidiano ao possibilitar a percepção da riqueza das relações interpessoais advindas da dialogicidade, em que o outro é sempre necessário. As Rodas de Conversa Dialógica capturaram justamente o que estava definido nesta metodologia de fala e escuta presente no criativo círculo de cultura freiriano.

A percepção de Freire (1978) sobre a relação das pessoas nos seus coletivos pressupõe uma tomada de consciência na “leitura de mundo”, rompendo com o processo de alienação do sujeito. Para Freire (1978) a conscientização não é uma panaceia dogmática, mas um processo que amadurece coletivamente e em permanente transformação para a leitura do mundo: “as consciências não se encontram no vazio de si mesmas, pois a consciência é sempre, radicalmente, consciência do mundo” (FREIRE, 1978, p. 08).

Segundo o autor, a conscientização é um instrumento de ação reflexiva e os sujeitos são ativos nesse processo de reflexão, capazes de perceber sua realidade e recriá-la. A necessidade da tomada de consciência não teria sentido, assim, sem a compreensão por parte dos sujeitos de que se encontram em um contexto de sofrimento opressivo sem perceberem que podem ser atores ativos no processo da própria libertação (FREIRE, 1978).

O contexto em que a metodologia freiriana foi elaborada em um cenário sócio histórico carregado de opressão, que impedia o sujeito de se abrir para novos modos de existir em que falar sobre si mesmo é também estar disponível para escutar o que o outro diz, em um processo de entendimento do nosso lugar e das nossas diferenças. Paulo Freire identificou o impedimento desse não-dizer como “o mutismo”, quando o silenciamento da voz indica alguma situação em que algo se encontra contido (FREIRE, 1978).

Ao ter a oportunidade livre para dizer, o sujeito lança mão de um discurso que conta de si mesmo e que supõe a resposta do outro que ali está em relação com ele. É a palavra, considerada mais do que instrumento no grupo, que proporciona a comunicação, tornando-se a construção do diálogo (FREIRE, 1978).

Nesse lugar de reflexão sobre si mesmo e sobre sua própria realidade, em relação com o outro, o sujeito pode inventar um caminho que o conduza às palavras que simbolizam o mundo que ele necessita pronunciar, produzir discussões e reflexões, em um processo de constituição que é infinito que é estruturado mediante a descoberta da “palavra verdadeira”, a protagonista da mudança, porque diz respeito à descoberta desses sujeitos, não são “palavras ocas”, aquelas que não tem significado (FREIRE, 1978, p. 91-92).

O processo de construção da palavra verdadeira, por sua vez, se inscreve no mundo simbólico da palavra geradora por meio da qual os homens e as mulheres compartilham a leitura de mundo. As palavras-geradoras são, para o autor, justamente aquelas que proporcionam a criação de novas palavras, carregadas de ação e reflexão (FREIRE, 1978) e que, conseqüentemente, carregam em si a força do engajamento do sujeito, instaurador e transformador de si mesmo e do mundo em que vive.

Nesse sentido, Paulo Freire propõe a “leitura de mundo”, por meio da leitura da palavra, e, na roda, a pronúncia coletiva da palavra, que é criação, em que o sujeito tece as suas relações dialógicas pela expressão do homem que se humaniza, se reconhece em um processo em que a palavra tem lugar no encontro e no reconhecimento com o outro e da outra consciência, o que proporciona, por sua vez, o encontro consigo mesmo e o conhecimento do mundo. “O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação dos outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um ‘penso’, mas um ‘pensamos’. É o ‘pensamos’ que estabelece o ‘penso’ e não o contrário”. (FREIRE, 1977, p. 66).

A palavra é entendida, então, por Freire (1978), como ação-reflexão, que não acontece de forma descolada da realidade daquele que diz, mas é carregada de significação proveniente da experiência daquele que fala, carregada de historicidade e de capacidade de transformação ao ser dita e refletida. Assim, o que torna Freire visionário é a captura nos anos 1960, da conexão entre o termo “penso” e “pensamos”, no seu clássico instrumento de reflexão humana que se chamou Círculo de Cultura.

No projeto freiriano, a palavra-geradora é colocada na sua expressão gráfica com sua manifestação oral. Assim, inicia-se o debate em torno dos desdobramentos significativos da palavra dita na vida dos sujeitos, objetivando a construção dos processos de leitura e escrita (FREIRE, 2002a. p. 123). Nas Rodas, o processo é semelhante, trabalha-se com a ideia de um tema gerador, que tenha uma relação de significância para os membros da Roda, em que eles se engancham seja por um grau de aproximação contraditório ou afinidade. Por meio do tema, são tecidas dialogicamente as ideias geradas pelos participantes. Dessa forma, vai se

constituindo um conjunto de “pensamento- linguagem” que intercambiam entre si visões, significados e percepções daqueles que ali dialogam coletivamente, criando conhecimento mediante a noção de que “conhecer é um evento social ainda que com dimensões individuais” (FREIRE, 1986, p. 123). Ou seja:

O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 1978, p.103)

Dessa forma, preservar o ato de conhecer a partir da singularidade do sujeito (dimensão individual) enriquecida de sua amplitude plural como evento social é uma das características fundamentais da Roda dialógica em suas etapas interconectadas.

A partir do primeiro ensaio verbalizado, emergem ideias que vão sinalizar as rodas seguintes. Esse detalhe metodológico tem uma importância basilar no processo de inclusão do sujeito no grupo. Sua palavra torna-se uma “palavra verdadeira” porque reverbera nos outros que a escutam, criando sucessivamente circuitos sinérgicos de conexão e pertencimento mediante sucessivas aproximações dialéticas do “pensamento-linguagem” que coincide com a invenção alternativa para as questões que emergem coletivamente em meio ao diálogo.

Paulo Freire se preocupou com a significação das palavras no processo de aproximação e distanciamento dos homens. Dessa forma, há diálogo quando há ação e reflexão na significação do mundo. As palavras que designam posição de autoridade criam barreiras na aproximação dos homens pelo diálogo. Nesse sentido, Freire traz, em “Por uma Pedagogia da Pergunta” (1985), a inserção da palavra, “animador” (FREIRE, 1985, p. 129) substituindo o tradicional “Professor” que gera uma condição subalternizante dos alunos, que inspira o fortalecimento de hierarquias². Assim, o animador é aquele que entre os educandos desperta o grupo para suas descobertas. Na roda, o animador tem essa posição, na dimensão teórica, que a referencia, e, prática, que a materializa.

Geralmente, os grupos mais comumente conhecidos são organizados recorrendo às metodologias diretivas que buscam a harmonização e a chegada a conclusões, um

¹ Entende-se por animador nos textos de Paulo Freire aquele profissional de educação que articula as aulas de alfabetização de adultos com a metodologia freiriana. Neste trabalho o animador é aquele que, articula as Rodas de Conversa Dialógica juntamente com os participantes para conduzir o processo de invenção.

² Relações de poder na escola (referindo-se ao poder do mestre subalternizando o educando na condição daquele que não sabe e do professor, aquele que sabe, gerando um processo de hierarquia subalternizadora). Durante o processo sócio histórico em que foi criado o Círculo de Cultura, Freire se preocupou em gerar no ambiente de aprendizagem condições de liberdade capazes e romper com o mutismo em face da opressão social em que viviam os trabalhadores.

maniqueísmo criticado por Martín-Baró (1989), que fala de um grupo agenciador de mudanças, o que só seria possível para Andaló (2010), ao deixar-se para trás o pensamento de alcance da completa harmonia, da coesão, da conclusão, da definição de papéis nos grupos, já que, segundo a autora, não são as forças que o movimentam, e ao apostar-se no conflito e no aparecimento das contradições.

As Rodas, nesse caso, partem do princípio da importância de introduzir a dúvida na palavra dita, gerando um movimento voltado para a criação: “ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos, Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (FREIRE, 1978 p. 29).

Dessa forma, a dúvida, ao ser introduzida no diálogo, não tem o efeito de desqualificar o pensamento daquele que diz, instabilizando a sua percepção de mundo. Ao contrário, é neste momento que o animador empodera aquele que fala, pela via da liberdade do diálogo, valorizando o que para ele aparece como uma contribuição menor. Assim, aqueles que conseguem falar e que o fazem com muita dificuldade, mas rompem com essa barreira, são conduzidos a escutar-se, em um ato de coragem, desencadeando no outro a mesma ousadia de apropriação de si mesmo para dizer a sua palavra, para dizer o que geralmente não dizem.

Há uma sutileza durante esse processo, que necessita uma sensibilidade perceptiva do animador para estimular a atitude de adentramento no campo da fala, que, ao ser pronunciada, gera a “palavra-verdadeira” tornando-se o primeiro passo na direção da autonomia possível.

Na Roda de Conversa Dialógica, no primeiro momento da ousadia de dizer, quando os participantes se deparam com a palavra dita que ainda não amadureceu para o coletivo, sua captura está na condição de “palavra oca”. O processo de ser escutada coletivamente a metaboliza para “palavra verdadeira”, pois se enriquece das combinações dos demais passando à sua condição de invenção. Essa ambiguidade discursiva constitui a dialética para a autonomia possível, pois os participantes, no ato de dizer, se apropriam das construções autônomas experimentadas ao decolarem do mutismo. Aparentemente, poderia se afirmar que há um caldeirão discursivo carregado da cultura reflexiva da leitura de mundo que se desnuda pela “bravura de dizer a sua palavra” (FREIRE, 1978, p. 14).

No processo de ouvir o outro, os participantes da Roda vão adquirindo uma ética para a escuta da palavra do outro. Paralelamente, essa postura solidaria permite valorizar a autonomia para postar a sua palavra. Uma autonomia que só tem efeito de invenção por ter permissão do conhecimento construído coletivamente no ato da pronuncia do mundo, quando, autonomamente, o sujeito pode ser diferente do outro, pode ficar, pode ir, pode fazer um

caminho na direção do que quer: “É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1996, p. 120).

A partir de Paulo Freire, as intervenções das Rodas de Conversa Dialógicas objetivam, então, que o sujeito já não seja alguém dito pelas muitas vozes alienadas que a ele nada agregam, mas o autor de um caminho inventado no próprio esforço em colaboração com o esforço dos demais, aquele que salta do individualismo alienante e alienador para a cooperação e que cria um caminho novo pela via do diálogo.

Avaliar a efetividade da intervenção das Rodas de Conversa Dialógicas na percepção da Qualidade de Vida dos trabalhadores do Centro de Controle de Zoonoses - Programa de Controle de Dengue, bem como identificar as variações da percepção da QV pelos trabalhadores quando inseridos nas Rodas de Conversa Dialógicas.

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Procedimentos éticos

Neste processo, foram obedecidos os procedimentos metodológicos conforme critérios do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-UFU), Resolução nº 466/12 do CONEP. (Parecer do CEP anexo A). Os sujeitos de pesquisa podem ser identificados, porém a equipe executora foi preparada para resguardar o anonimato dos entrevistados, que foram livres e isentos de qualquer coerção. A pesquisa foi iniciada após a explicação completa e pormenorizada sobre a natureza desse trabalho, seus objetivos, métodos, benefícios e riscos. Os pesquisados foram livres para deixar a pesquisa a qualquer momento, caso desejassem.

A pesquisa, foi aprimorada a utilização do instrumental WHOQOL-*bref*, empregado para medir a percepção da Qualidade de Vida com a introdução das Rodas de Conversa Dialógicas que abordem os quatro domínios do questionário: Físico, Social, Psicológico e Ambiental. A realização das Rodas também intervém com os participantes, fazendo surgir benefícios quanto à construção de uma compreensão crítica sobre seu próprio cotidiano, possibilitando a eles o encontro de alternativas para situações conflitantes de sua própria vida. Os participantes da pesquisa, porém, não tiveram nenhum tipo de benefício financeiro, e também não tiveram despesas reais como participantes voluntários da pesquisa.

As pessoas foram identificadas por uma numeração para que seu anonimato seja preservado, sendo que o registro de suas falas foi feito por meio de gravações e anotações em diário de campo, daquilo que a pesquisadora considerava importante de ser destacado. Posteriormente, foi realizada a transcrição das falas, e, após esse procedimento, as gravações foram apagadas, seguindo as orientações da Resolução 466/12 CONEP. Os questionários, por sua vez, após analisados, serão guardados por até cinco anos, guardando a possibilidade de realização de novas pesquisas a partir desse material, e, que depois, também serão devidamente descartados.

3.2 Amostra

Esta pesquisa foi construída e sistematizada junto a trabalhadores de uma unidade de Controle de Zoonoses do município de Uberlândia, que atua no controle de animais que são transmissores de doenças aos seres humanos, e também de animais peçonhentos. O CCZ está

ligado à saúde pública do município, sendo de responsabilidade da Secretária Municipal de Saúde de Uberlândia.

O trabalho no Programa de Controle da Dengue é direcionado pelo (PNCD), Programa Nacional de Controle da Dengue, instituído em 24 de julho de 2002, mediante da Portaria nº 1.347, pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2002), com elaboração de programas permanentes, uma vez que não existe qualquer evidência técnica de que a erradicação do mosquito seja possível, a curto prazo. Tem-se a parceria a Atenção Primária, por meio da Lei 11.350, com a mobilização do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e Programa de Saúde da Família (PSF), utilizando instrumentos legais que facilitem o trabalho do poder público na eliminação de criadouros nas residências (BRASIL, 2006).

Sendo assim, esse Programa segue recomendações do Ministério da Saúde com o objetivo de reduzir a infestação pelo *Aedes aegypti* e a letalidade por de Dengue, Zika vírus, febre Chikungunya e febre amarela. As principais atividades realizadas pelo Programa de Controle da Dengue em Uberlândia são:

Quadro 1 - Principais atividades realizadas pelo Programa de Controle da Dengue (Centro de Controle de Zoonoses) em Uberlândia (continua)

ATIVIDADES	DEFINIÇÃO
Visitas Domiciliares	Visitas em residências, comércios e terrenos baldios para tratamento dos criadouros do mosquito transmissor de Arboviroses, eliminação mecânica, acondicionamento, tratamento focal e orientação.
Pontos Estratégicos	Pontos estratégicos são locais vulneráveis à proliferação do vetor, devido ao acúmulo de materiais que servem de criadouros, como borracharias, ferros-velhos, rodoviárias, ferroviárias, logradouros públicos, cemitérios, locais com fins de lazer ou religiosos, piscinas de uso público, dentre outros.
Bloqueios dos casos suspeitos	Os bloqueios de casos suspeitos são realizados nas áreas prováveis de transmissão, visando à diminuição da população adulta de mosquitos. A integração das atividades de Vigilância Epidemiológica e controle vetorial é de fundamental importância para o sucesso do controle da doença. É necessário que o repasse de informações da localização dos casos suspeitos para a Vigilância Entomológica ocorra da forma mais ágil possível, viabilizando ações de bloqueio em momento oportuno.
Coleta de pneus	O Centro de Controle de Zoonoses mantém cinco caminhões percorrendo diariamente 579 borracharias cadastradas para realizar coleta de pneus, com o objetivo de reduzir a proliferação do mosquito <i>Aedes aegypti</i> e prevenir a transmissão de doenças como Dengue, Zika e Chikungunya. As equipes fazem o recolhimento dos pneus inservíveis e os proprietários são orientados quanto à coleta e o direcionamento de pneus para descarte. Uma vez recolhido, o material é levado para o Ecoponto Municipal de onde segue para a destinação descrita em lei como a mais adequada. A empresa responsável pelo transporte e eliminação do resíduo é a RECICLANIP - Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos.

Fonte: Pereira (2018).

Nota: Adaptado de Brasil (2009).

Quadro 1 - Principais atividades realizadas pelo Programa de Controle da Dengue (Centro de Controle de Zoonoses) em Uberlândia (continuação)

Imóveis em imobiliárias	Imóveis que estão em poder das imobiliárias para compra, venda e aluguel. Um servidor percorre as imobiliárias e efetua a coleta das chaves no período da manhã e, no período da tarde, as equipes, de posse das chaves, visitam os imóveis e realizam as ações para eliminação de criadouros.
Controle Biológico	Tratamento com a utilização de peixes larvófagos. O povoamento é realizado em tanques de decantação, indústrias, piscinas, imóveis fechados e outros reservatórios de grande porte.
Patrulha escolar	Visitas específicas em escolas públicas do município e do estado, assim como Emei's e Creches. A equipe elimina, veda, acondiciona, trata e orienta sobre como manter pontos críticos livre do transmissor (calhas, lajes, ralos, canaletas, reservatórios com água, etc).
Paradas de Ônibus	Vistorias em abrigos de paradas de ônibus, onde é feita a desobstrução da saída de água que fica retida.
Vedação de caixas d'água	Consiste em vedar as caixas de água que se encontram sem a tampa, e o trabalho é realizado por meio do uso de pedras de ardósia adquiridas com recursos de município.
Mobilização Social	Divulgar amplamente sobre as ações realizadas para o controle do vetor e as doenças por ele transmitidas. Participar de eventos em escolas e SIPATs de empresas tem apresentado bons resultados no tocante à conscientização social para o controle do mosquito transmissor das Arboviroses.
Comitê	Comitê para discutir e fomentar ações voltadas para o combate ao mosquito.
Imóveis abandonados	O município cadastra e visita os imóveis em abandono para prática de ações. Todos os imóveis em abandono são cadastrados e tratados.
Imóveis cadastrados	São imóveis que estão fechados porém o proprietário foi identificado e rotineiramente, abre o local para ações de prevenção contra o mosquito transmissor das doenças. As ações serão realizadas visando ao controle.
Monitoramento de Ovitampas	Armadilhas instaladas com objetivo de monitorar a presença do mosquito, através da captura e contagem de ovos.
Aplicativo	Aplicativo com finalidade gerencial funciona apenas entre os servidores do Programa de controle do Aedes aegypti do Centro de Controle de Zoonoses e Programa Saúde da Família.

Fonte: Pereira (2018).

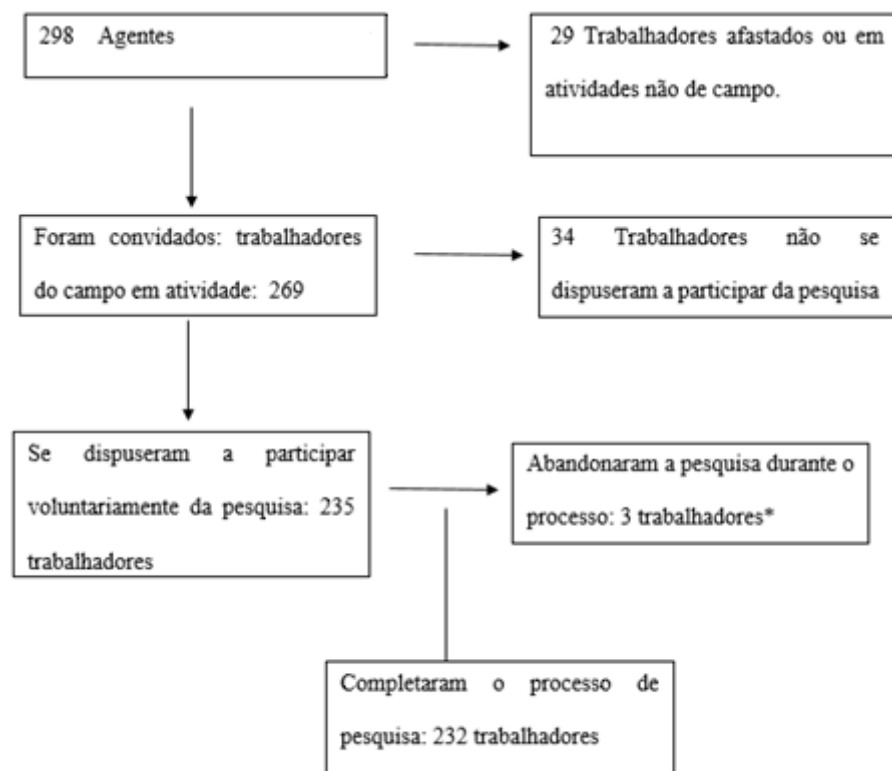
Nota: Adaptado de Brasil (2009).

Os Agentes que trabalham nessa unidade são, na sua maioria, concursados e trabalham seis horas por dia, consequentemente, passando a maior parte desse tempo nas ruas da cidade. Representam, para esta pesquisa, o sujeito trabalhador de uma forma geral, constituído de todos os percalços de seu cotidiano, sem que sejam retiradas dessa constatação as peculiaridades contidas em suas condições de trabalho, mas, pelo contrário, que elas sejam aqui ressaltadas. A falta de lugar para satisfazer suas necessidades durante o expediente, a

invisibilidade que os acometem na rua, as difíceis situações que enfrentam ao chegar nas casas das pessoas que são visitadas, o fato de serem vistos como representantes do Estado pela população e como número em seu local de trabalho, são apenas algumas das características atribuídas pelos próprios trabalhadores ao seu dia a dia.

De uma população de 298 agentes, dos quais todos foram convidados pela pesquisadora, 235 se dispuseram a participar voluntariamente da pesquisa, conforme ilustrado na figura 2:

Figura 2 – Fluxograma seleção de participantes da pesquisa (Agentes de Controle de Zoonoses).



Fonte: Dados da pesquisa (2015/2016).

Nota: Aqueles trabalhadores que não permaneceram durante todo o processo de pesquisa, tiveram seu questionário e suas falas descartados por questão de ética e para não comprometer a validade dos dados coletados.

3.3 Instrumentos: *WHOQOL-bref* e as Rodas de Conversa Dialógicas

A fim de medir quantitativamente os resultados sobre a percepção da Qualidade de Vida por parte dos trabalhadores, o questionário *WHOQOL-bref* (WHOQOL, 1998) foi utilizado, enquanto as Rodas de Conversa Dialógicas foram realizadas como instrumento de investigação qualitativa e de intervenção.

3.3.1 WHOQOL-bref (World Health Organization Quality of Life)

O instrumento WHOQOL-bref se constitui como uma versão resumida de outro questionário de avaliação da Qualidade de Vida, criado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): WHOQOL 100 (WHOQOL, 1995). No Brasil, por sua vez, uma versão foi desenvolvida, adaptada e validada no Centro WHOQOL do Brasil, localizado no Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FLECK et al, 2000), e também a partir de diversas pesquisas que estabeleceram esse instrumento como válido no país.

O WHOQOL-bref consta de 26 questões divididas de acordo com os domínios: Físico (sete), Psicológico (seis), Social (três), Meio Ambiente (oito) e questões sobre a percepção geral a respeito de Qualidade de Vida e de saúde (duas). Para cada domínio, existem, ainda, os seguintes subitens: do **domínio físico**: “dor e desconforto”, “dependência de medicamentos ou tratamento”, “energia ou fadiga”, “mobilidade”, “sono e repouso”, “atividades do cotidiano”, “capacidade de trabalho”; **domínio psicológico**: “sentimentos positivos”, “sentido da vida(Espiritualidade/religião/crenças)”, “pensar/aprender/memória/concentração”, “imagem corporal e aparência”, “auto estima”, “sentimentos negativos”; do **domínio social**: “relações sociais”, “atividade sexual”, suporte/apoio social”; e do **meio ambiente**: “segurança física e proteção”, “ambiente físico/poluição/clima/ruído”, “recursos financeiros”, “oportunidades de adquirir informações e habilidades”, “participação em oportunidades de lazer”, “ambiente no lar”, “cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade”, “transporte”.

Sua medição é efetuada segundo a escala Likert, de intensidade (de “nada” até “extremamente”), capacidade (de “nada” até “completamente”), frequência (de “nunca” até “sempre”), e de avaliação (de “muito ruim/muito insatisfeito” até “muito bom/muito satisfeito”). De acordo com a pontuação, “de 0 a 20” que pode ser transformada em “de 0 a 100”, obtém-se que: quanto maior a pontuação, maior a percepção da QV da população que responde ao questionário (FLECK et al, 2000).

3.3.2 Rodas de Conversa Dialógicas

A organização das Rodas de Conversa Dialógicas tem uma perspectiva, antes de mais nada, de acontecer em círculo, em que o próprio fato de estar em roda possibilita aos

membros do grupo que possam se olhar, enxergar-se, de maneiras diferentes das que têm lugar em seu cotidiano.

Dessa forma, a dinâmica das Rodas (cf. Apêndice A) proporciona uma mudança no modo vigente como a palavra daqueles sujeitos é dita e ouvida. Há a criação de um espaço horizontal em que a palavra circula, em que as pessoas ali presentes têm a oportunidade de se encontrar e se confrontar com dizeres antes desconhecidos, com posicionamentos que pareciam inimagináveis, em um processo dialógico.

Não é natural, porém, que esse movimento aconteça por si só. As articulações horizontais do animador, incluindo-se no grupo, vão ao seu encontro com diversos e estranhos discursos, mas intervém de modo a propiciar, além da circulação da palavra, que ela tome outras formas e se refaça ao longo dos encontros.

Nesse sentido, a “mediação” (LUKÁCS, 1979) nas Rodas parte da perspectiva de uma totalidade movente, nunca é cega ou surda, jamais ignora a força da história e o contexto singular, histórico e social dos membros do grupo, mas é crítica na medida em que propõe a reflexão-ação, ou a ação reflexiva, acreditando ser a desestabilização dos discursos naturalizados o primeiro passo à mudança nos modos de existir cristalizados e adoecedores.

Tanto não seria possível sem a construção processual do vínculo entre o animador e os participantes, e entre eles mesmos. Um vínculo que perpassa pela ética no sentido da responsabilidade que este trabalho exige, de promover saúde na emancipação e busca da autonomia pelos sujeitos, e saber-se também sujeito, possuidor de um discurso que fala seu próprio modo de vida e que afeta e constitui-se em cada encontro, mas que busca, por seu posicionamento, o estranhamento necessário no movimento da roda.

O local escolhido para a realização das Rodas foi um espaço da comunidade, ou seja, comum aos trabalhadores, mas que não fosse no seu local de trabalho, a fim de proporcionar uma liberdade maior do trabalhador poder trazer livremente sua palavra sem a pressão da subalternidade funcional.

Sua estratégia como instrumento de investigação se constitui como uma prática sistematizada de fazer grupo com base em uma interlocução dialógica entre metodologias grupais, metodologias de pesquisa, o pensamento Freiriano dialógico e questões sobre a saúde do trabalhador, com a finalidade de proporcionar reflexões sobre a qualidade de vida de seus membros.

Na primeira Roda, foi realizada a apresentação sobre a proposta das Rodas de Conversa Dialógicas quanto à sua estrutura e funcionamento. Em seguida, firmamos um

código de convivência construído o coletivo, com o objetivo de garantir que os temas fossem tratados, preservando-se a ética por meio do sigilo das discussões e debates promovidos entre os participantes. Almeja-se com esse procedimento a garantia às pessoas da liberdade de expressão, ao mesmo tempo em que se cria um espírito coletivo de confiança, constituindo, desde então, a grupalização. Foi esclarecido que cada Roda teria o seu próprio tema gerador³ a partir do relato dos Agentes e do resultado do questionário sobre Qualidade de Vida. No entanto, no decorrer dos encontros, caso houvesse um fato importante para o coletivo, em relação ao qual coubesse uma discussão, o fato poderia ser apresentado e, com o consentimento de todos, seria discutido naquele encontro ou em um próximo.

O questionário foi, então, aplicado (Momento 0) e posteriormente o grupo teve continuidade com a utilização de objetos diversos para que as pessoas pudessem se expressar quanto à atribuição de sentido a cada objeto. Essa roda chamamos de Espiral Iconográfica – Desvendamento de objetos. O objetivo foi explorar as falas para perceber os principais temas geradores para as rodas seguintes.

Cada uma das 10 rodas propostas inicia-se, então, com o tema gerador escolhido, valendo-se da primeira Roda que foi capaz de despertar nos participantes as sugestões temáticas.

De acordo com os diálogos que emergem na Roda, estimulados pelo tema gerador, o animador, com os trabalhadores, aplicam as mediações capazes de conferir o que identificamos como sucessivas aproximações da leitura de mundo presentes nas situações vivenciadas. A partir da compreensão que o animador vai costurando das sínteses provisórias compartilhadas no coletivo, cada participante da Roda faz a sua própria captura daquele cenário dialógico aplicando no seu contexto o que considera importante para si e devolvendo ao grupo suas percepções. Esse movimento cria uma sinergia alimentadora do “inédito-viável”.

O início de cada Roda acontece com a apresentação de uma ação estimuladora, que pode ser um recurso estético (objetos, música, imagens, poemas, textos, entre outros), uma dinâmica, ou ambos, cuja função é significativa e fomenta as falas. Assim que os discursos aparecem, a discussão é conduzida de forma que todos tenham a oportunidade de contar suas histórias, em um tempo em que todos são ouvidos, escutados e questionados, produzindo sinergia entre as falas. E portanto, um dizer enriquece a compreensão de outro, possibilitando a invenção de novos saberes.

³ Conforme contextualização na página 28.

Em meio ao desenvolvimento dos grupos, o animador propõe, ainda, trabalhos individuais e coletivos na intenção de gerar situações em que o sujeito possa voltar para si a partir das reflexões realizadas e também para que possa se enxergar na relação com o outro, estando ele inseparável desse outro.

A última das 10 Rodas é, então, contruída como uma avaliação da prática que foi feita, das movimentações que tiveram possibilidade de ter lugar naquele espaço e das mudanças na compreensão da QV que foram produzidas a partir dos grupos.

3.4 Procedimentos

Em um universo de 298 trabalhadores do Centro de Controle de Zoonoses de Uberlândia, todos foram convidados pela pesquisadora para um encontro de apresentação da proposta de pesquisa, com iniciativa, exclusivamente, desta. Nessa ocasião, houve o interesse de participação voluntária de 235 pessoas, que foram divididas, para o início da investigação, em 16 grupos de 15 pessoas cada. Foi então apresentado e assinado o Termo de Livre Consentimento (cf. Anexo B). O critério de agrupamento das pessoas seguiu o funcionamento da unidade, de forma que os trabalhadores se mantiveram com seus colegas de setor, o que tornava mais fácil sua dispensa, já que as Rodas tinham lugar no horário de trabalho.

Assim, a alocação dos participantes dos diversos grupos foi feita de modo não aleatório e o delineamento, quase experimental, também é dentre participantes, pois cada participante foi avaliado sob todas as condições da variável independente, em que a ordem da realização da coleta de dados do questionário não altera.

Dessa forma, em cada semana, foram efetivadas quatro Rodas de Conversa, sequencialmente, até a realização dos grupos atingir 235 sujeitos da amostra, resultando em dez Rodas com cada agrupamento de trabalhadores. A escolha da quantidade de Rodas realizadas diz respeito a algumas questões importantes considerando aspectos que perpassam a própria organização de grupos e o contexto dos trabalhadores da amostra.

Acreditava-se que esse número seria suficiente para abarcar os temas a serem tratados, relacionados ao instrumento aplicado, com um espaçamento considerável entre uma aplicação e outra, tornando possível a constatação da mudança de percepção dos sujeitos em relação a si mesmos e a sua própria qualidade de vida, influente nas respostas do questionário. Houve, também, a intencionalidade de as dez Rodas acontecerem pelo tempo mínimo de um ano (agosto de 2015 a outubro de 2016), sendo, já que, assim, poderiam ser tratados, observados e

analisados diversos momentos da vida e do trabalho de cada sujeito participante: mudanças de estação, datas comemorativas que remetem à família e a si mesmos, picos de muita demanda no trabalho e baixas de poucas solicitações, entre outras questões.

Essa pesquisa foi, portanto, dividida em três etapas de aplicação do *WHOQOL-bref* de acordo com o tempo de realização das Rodas, sendo que a 1ª etapa durou dois meses e é considerada o Momento 0, em que se deu a primeira aplicação do questionário (cf. Anexo C). Nessa etapa, a pesquisadora pôde capturar a percepção que cada participante possuía sobre sua qualidade de vida sem a realização de nenhuma intervenção.

A 2ª etapa, chamada de Momento 1, teve duração de seis meses e início com a realização das Rodas de Conversa Dialógicas, em que as questões trazidas pelo *WHOQOL-bref* puderam ter lugar no diálogo produzido nesse espaço. A finalidade da separação dessa etapa é a de verificar se, nesse momento, da 5ª Roda, e também metade do processo de pesquisa, já havia alguma mudança na percepção daqueles sujeitos sobre sua QV, sendo que, aqui, o questionário foi aplicado novamente.

Já a 3ª etapa, ou Momento 2, teve duração de seis meses, abarcou o processo de realização de todas as dez Rodas de Conversa, em que houve a última aplicação do questionário *WHOQOL-bref*, e os sujeitos puderam dialogar sobre os domínios previstos nesse instrumento e sobre os efeitos do próprio grupo em sua percepção sobre a QV de cada um. O objetivo dessa etapa está em verificar se houve mudanças na compreensão da qualidade de vida por parte dos trabalhadores, e quais são elas. Neste momento, também foi realizada a coleta dos dados sociodemográficos (cf. Apêndice B).

3.5 Procedimento da Análise

3.5.1 Análise Estatística

Na análise quantitativa, foram analisados a média e o desvio padrão dos quatro domínios das 26 questões do *WHOQOL-bref*. A média é sensível aos extremos e fornece uma boa ideia do valor típico do conjunto de dados (escores) obtidos. Para verificar se as médias da percepção da Qualidade de Vida nos quatro domínios (físico, psicológico, social e ambiental) são iguais ou diferentes entre si no tempo, momentos zero, um e dois, utilizou-se ANOVA para medida repetidas no tempo. Para a comparação das médias utilizou-se o teste de Bonferroni. O nível de significância adotado foi de 0,05.

O Coeficiente de Alfa de Cronbach foi utilizado para verificar a confiabilidade da consistência interna do questionário avaliando o grau de intercorrelação entre os itens do WHOQOL-*bref*. Valores acima de 0,50 são recomendados como aceitável (CRONBACH, 1951; McHORNEY et al., 1994).

3.5.2 Um método de investigação e intervenção: a Roda de Conversa Dialógica como metodologia

A proposta de investigação desta tese envolve, primeiramente, um método de pesquisa alternativo às formas (neo) positivistas de produção de conhecimento científico, abordando outros aspectos dos fenômenos que envolvem a relação subjetividade-contexto social sem haver displicência com alguns critérios necessários à validade da investigação. Bendassolli e Gondim (2014) dizem ser estes aspectos: a intencionalidade dos atores sociais, o papel estruturante e fundante do contexto concreto em que os participantes se encontram, a importância dos sentidos atribuídos a esse contexto e o comprometimento com valores de transformação social.

Dessa forma, desenvolver uma pesquisa exige, antes de mais nada, o comprometimento com a investigação, com os sujeitos envolvidos nesse processo, e o envolvimento com o caminho que está sendo percorrido, que tem, segundo Creswell (2014), característica de movimento, de construção social, interpretação e que se comunica com a justiça social.

Denzin e Lincoln (2011) apontam o quanto esse método afeta o próprio pesquisador, dizendo da pesquisa qualitativa como uma atividade situada que localiza o observador, que torna contextos visíveis a ele e a seus interlocutores, constituindo-se em uma abordagem interpretativa do mundo, como as pessoas o significam. Assim, o pesquisador não possui o monopólio do saber, os indivíduos não são subordinados às exigências impostas pela prática da pesquisa e pelas demandas de resolução do universo científico positivista (BENDASSOLLI; GONDIM, 2014).

Além de conhecer as representações que os sujeitos atribuem a si mesmos, ao seu cotidiano e à sua conjuntura, pesquisar qualitativamente produz intervenção na medida em que possibilita transformações no campo de investigação que podem ser ampliadas para outros espaços. Dessa forma, Creswell (2014) destaca a abordagem dos significados que os indivíduos ou conjunto de pessoas atribuem a uma questão social ou humana de forma

sensível a esses sujeitos e aos lugares em que se encontram, considerando suas vozes ativas durante a investigação, as próprias reflexões do pesquisador e a movimentação que essa sensibilidade, essa consideração e essas reflexões proporcionam.

Dessa forma, o processo de pesquisa é tão importante quanto os resultados e os instrumentos. Para que esse caminho seja pensado de forma abrangente, são diversos e afins com os sujeitos participantes e com seu contexto os recursos utilizados: notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, registros, lembretes, entre outros recursos (DENZIN; LINCOLN, 2011).

Os passos dados e os percursos da pesquisa são, por sua vez, constantemente, modificados pelos acontecimentos que têm lugar nesse espaço e ao longo do tempo, visto que o pesquisador tem a delicada tarefa de se aproximar e se distanciar ao mesmo tempo de seu objeto de investigação, o que é realizado mediante o envolvimento ético com a pesquisa, que, ao mesmo tempo em que produz intervenção e modificação do próprio investigador, vale-se de métodos bem delineados: coleta de dados no campo dos indivíduos participantes da pesquisa; exame de documentos; observação do comportamento; entrevistas; criação de instrumentos ou utilização de instrumentos já validados; criação e execução de projetos, entre outros (CRESWELL, 2014).

A partir desse movimento, Silva (2014) postula a impossibilidade de ser distinguida a pesquisa da intervenção, em que, em um mesmo processo, ocorre o desenvolvimento de alguma questão e é produzido um efeito no campo, que pode ser desejado ou não.

No entanto é necessário à pesquisa que esse efeito aconteça, em que não haja apenas o entendimento de determinado contexto, mas a modificação do modo naturalizado como as coisas acontecem nesse lugar e a abertura para reflexões dos sujeitos sobre essa naturalização, de forma que eles mesmos atuem nessa transformação. Cabe, então, a proposição desse método como possibilitador do protagonismo e autoria dos participantes do estudo em seu próprio cotidiano (SILVA, 2014).

As relações estabelecidas com os participantes da pesquisa envolvem, conforme Creswell (2014), o respeito pelas falas dos sujeitos, o reconhecimento das vozes que surgem, sem julgamentos, estereótipos ou rótulos, em que o pesquisador se implica no estudo e ocupa um posicionamento de sensibilidade às relações existentes nesse lugar.

Há, então, a necessidade de explorar profundamente um grupo ou população, variáveis, contextos etc., que, normalmente, não são vistos: é o ato de “escutar vozes silenciadas” (CRESWELL, 2014, p. 52). Objetiva-se a compreensão complexa e detalhada de

uma questão, o que só pode acontecer ao ser buscado o contato direto com as pessoas. Procura-se oferecer lugar para que os sujeitos tenham poder para compartilhar suas histórias, ouvir suas próprias vozes, minimizar as relações de poder naturalizadas entre pesquisador e participantes do estudo, de forma flexível, e que essas falas sejam transmitidas, gerando, cada vez mais, reflexões e outras perguntas a serem estudadas.

Nesse modelo de investigação, portanto, não existem dados e resultados certos ou errados, mas, sim, a existência de múltiplas histórias em que são alcançadas novas perguntas em lugar de respostas finais (WOLCOTT, 1994).

Para além dos dados coletados no questionário, essa pesquisa se apresenta como uma investigação intervencional, em que o estudo não se limita à simples observação, mas interfere pela inclusão das Rodas de Conversa Dialógicas; e longitudinal, com o estabelecimento de três momentos, denominados momentos 0, 1 e 2. A fim de deixar claras as diferentes enunciações que produziram os resultados obtidos e constatar como cada fala demonstra a influência das Rodas na percepção do sujeito sobre sua própria qualidade de vida, realiza-se uma análise intertextual (AMORIM, 2004).

Ao dizer sobre o intertexto, fala-se da possibilidade de reflexão sobre a relação dialógica que esteve presente entre os dizeres dos participantes e entre essas falas, o instrumento aplicado e a saúde do trabalhador, sendo que, para Bakhtin (1993), o enunciado é concreto e carregado de sentido, produzido com base em suas relações sociais e exigindo de quem o recebe e o escuta uma resposta, uma interlocução para a produção de novos enunciados, em que toda linguagem humana esteja repleta de relações dialógicas. Esse termo é atribuído, por Bakhtin (2002), ao fato de que o sujeito não existe de forma isolada, mas é produto ativo de uma série de interações entre múltiplas consciências, relações e valores.

O objetivo foi desenvolver uma análise do discurso que entenda como a interlocução presente nas Rodas de Conversa Dialógicas auxiliaram aqueles trabalhadores a produzir novos enunciados sobre sua qualidade de vida e, conseqüentemente, responder ao WHOQOL- *bref* de uma maneira atualizada.

A análise do discurso se constitui como uma linha de interpretação do conteúdo que articula os aspectos linguístico, o social e o histórico, trabalhando com o sentido do que é dito por meio da premissa de que todo dizer é ideologicamente marcado. Aqui, o sujeito que fala não é individual, mas, sim, coletivo, sendo porta-voz de um posicionamento construído socialmente e a interpretação de seu dito é um ato simbólico, representante de um contexto e interventivo (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Esse processo diferencia-se de uma análise de conteúdo por si só, já que esta pode ser considerada como sinônimo de análise do texto, acessando o objeto de interpretação de outra forma: enquanto a análise do discurso trabalha com o sentido, a análise de conteúdo se refere à materialidade linguística. Para Bardin (1977), a análise de conteúdo se constitui como um conjunto de técnicas que procura obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo do texto, o que permite a inferência de conhecimento relativa à produção e à recepção deste texto. Esse método, por sua vez, é empregado na pura descrição dos dados coletados quanto à aplicação do questionário, passando-se, depois, a uma análise do discurso.

A análise do discurso aqui realizada inspira-se nos caminhos traçados e sistematizados por Paulo Freire na criação de um processo de alfabetização. Da mesma forma que o autor coloca ao educador a necessidade de percepção do profundo sentido da linguagem mais do que a mera repetição mecânica de sílabas na formação de palavras dos educandos. A pesquisadora se propõe, ao analisar os dados do questionário se pautar nas falas dos trabalhadores, a se aprofundar nas palavras ditas e buscar o sentido do discurso que ali é proferido, visto que há uma inseparabilidade inquestionável entre a linguagem, o pensamento e a realidade (FREIRE, 2002b).

Enquanto os educadores devem, segundo Freire (2002b), atentar-se para estas relações, levando em conta os homens e mulheres inseridos em seu contexto e sabendo que suas narrações não são simples dizeres, da mesma forma, a pesquisadora deve analisar o conteúdo das falas não como meras palavras, mas como tendo sido proferidas por sujeitos contextualizados. Isso significa considerar o conteúdo, a forma, a extensão, a complexidade crescente no processo de elaboração das narrações, valorizando o dito na perspectiva da singularidade do sujeito, buscando fugir de generalizações e permitindo que a liberdade da fala situe o sujeito como um produtor de conhecimento.

Para isso, é pertinente que as falas sejam tomadas como desafio e que sejam entendidas de forma dialógica, tornando-se possibilidade de serem despertadoras da consciência e não de serem “‘cantigas de ninar’ que, em lugar de despertar a consciência crítica, adormecem” (FREIRE, 2002b, p. 29).

Assim, o conteúdo das respostas do questionário e das falas pode viabilizar a discussão e a transformação das condições de vida daqueles trabalhadores, em um processo de avaliação e não de inspeção em que aconteceria um distanciamento do trabalho em realização para que houvesse a posterior crítica. Na avaliação, há uma implicação da pesquisadora, sendo um ato

construído em conjunto com os participantes da pesquisa: “daí seu caráter dialógico” (FREIRE, 2002b, p. 29).

É preciso que, durante o processo de investigação e durante a prática, a pesquisadora aprenda com os participantes, o que ocorre semelhantemente na proposta freiriana entre educadores e educandos. A partir dessa estratégia, o conhecimento passa a se dar em mão dupla valorizando o trabalho de quem cria saberes sem as hierarquias subalternizadoras da relação com o saber (FREIRE, 2002b).

Para tanto, foram selecionadas as falas do momento 1 e do momento 2 para utilizar nesta análise, da seguinte forma: a) Transcrição das Rodas de Conversa gravadas em áudio; b) Primeira leitura livre de todas as falas transcritas, sem a intenção de uma categorização; c) Segunda leitura intencional, pensando possíveis temas em comum, geradores de categorias, entre as falas; d) Associação dessas categorias de falas aos aspectos tratados pelo instrumento e ao resultado da aplicação do WHOQOL-*brief* nos diferentes momentos. Desse procedimento, portanto, podem-se identificar as falas que mais se aproximam de uma constatação na qual deseja-se saber se as Rodas de Conversa Dialógicas podem ser consideradas como agenciadoras de mudanças na percepção e compreensão dos sujeitos que dela participam sobre sua própria qualidade de vida, e como o fazem.

As Rodas de Conversa foram finalizadas com 232 trabalhadores, sendo 143 homens e 89 mulheres, somente constituindo uma amostra com as seguintes características no momento da coleta de seus dados sociodemográficos: a idade média desses sujeitos era de 37 anos; cada um possuía em média um filho; e seu tempo aproximado de trabalho era, até então, de 5 anos. Desses trabalhadores, 89 eram solteiros, 88, casados; 33, possuíam união estável; 21, divorciados; e apenas uma pessoa era viúva. Quanto à sua escolaridade, um participante havia cursado apenas o Ensino Fundamental; 100, o Ensino Médio; 72 sujeitos já estudavam no Ensino Superior e 33 o haviam terminado; 4 pessoas faziam Pós-Graduação e 22 já haviam concluído (cf. Tabela 1, abaixo).

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos ACZ

Características		Dados
Gênero	Homens	143
	Mulheres	89
Idade média		37
Filhos em média		01
Tempo de trabalho aproximado		5 anos
Efetivo		229
Contratado		3
Estado civil	Solteiros	89
	Casados	88
	União estável	33
	Divorciados	21
	Viúvos	01
Escolaridade	Ensino médio	100
	Ensino superior completo	72
	Ensino superior incompleto	33
	Pós-graduação incompleto	22
	Pós-graduação completo	04
	Ensino fundamental	01

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Cada participante da pesquisa, então, respondeu ao questionário em três momentos (0, 1 e 2), sendo que cada momento foi separado pela realização de cinco Rodas. O momento 0, sem nenhuma roda (sem a intervenção), enquanto, no momento 1, haviam sido efetivadas 5 Rodas, e, por fim, no momento 2, onde já haviam sido realizadas 10 Rodas.

A confiabilidade avaliada por meio do coeficiente α -Cronbach foi adequada (coeficiente $\geq 0,5$) em todas as escalas e também nos momentos 0, 1 e 2 (Tabela 2).

Na Tabela 2 são apresentadas as médias e os desvios padrões dos escores das escalas do WHOQOL-bref. Verifica-se que as médias foram maiores com o decorrer do tempo, o que pode ser melhor observado na Figura 3.

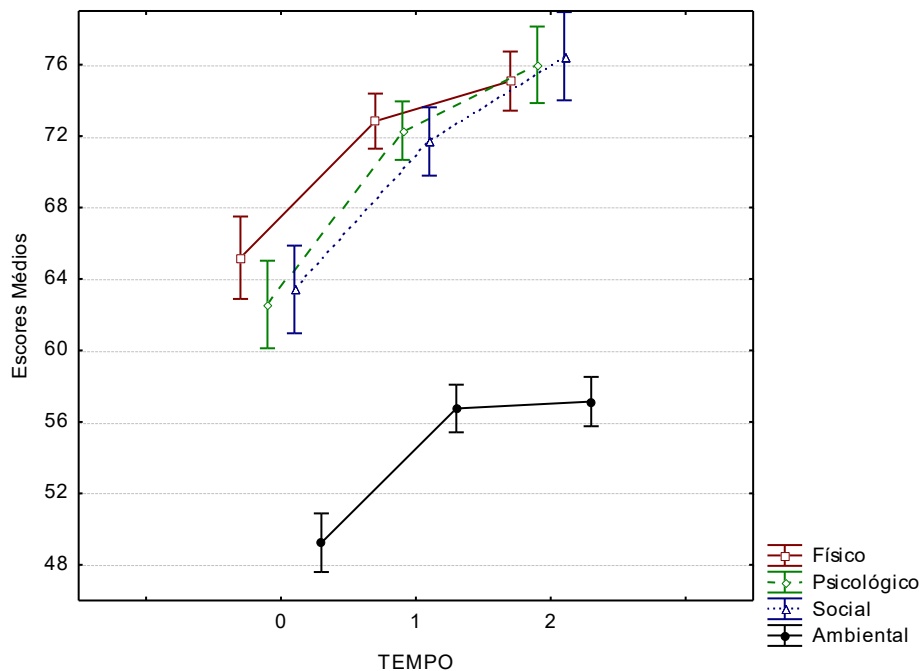
Tabela 2 – Escores das escalas sobre a percepção dos trabalhadores referente a qualidade de vida nos Momentos: 0, 1 e 2

	Momentos								
	0			1			2		
Domínios	Média	DP	α -Cronbach	Média	DP	α -Cronbach	Média	DP	α -Cronbach
Físico	65,19 ^b	17,83	0,85	72,83 ^a	11,92	0,79	75,08 ^a	12,80	0,81
Psicológico	62,57 ^c	18,96	0,84	72,31 ^b	12,66	0,77	75,99 ^a	16,58	0,78
Social	63,42 ^c	18,99	0,87	71,70 ^b	14,79	0,80	76,47 ^a	19,09	0,80
Ambiental	49,24 ^b	12,69	0,88	56,75 ^a	10,32	0,80	57,14 ^a	10,69	0,83

DP: Desvio Padrão

Médias seguidas pelas mesmas letras não diferem estatisticamente entre si ao longo do tempo por meio do teste de Bonferroni.

Figura 3 – Escores médios dos quatro domínios do WHOQOL-bref nos momentos 0, 1 e 2

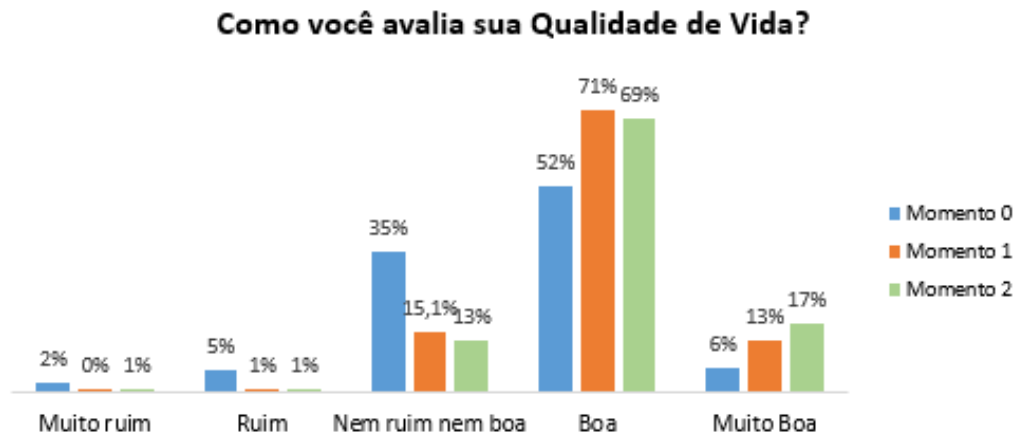


A partir, então, da análise dos quatro domínios avaliados pelo WHOQOL-*bref*: Físico, Psicológico, Social e Ambiental, o que pode ser percebido, sobre as diferenças de escores entre os momentos da pesquisa, é, primeiramente, que há uma mudança na percepção da QV significativa entre pelo menos dois dos momentos, o que fica expresso entre os momentos 0 e 1, com a realização de cinco Rodas entre eles.

Observando-se os escores das escalas (Tabela 2), observa-se que para os domínios Físico e Ambiental, houve diferença entre o momento zero e os momentos 1 e 2, porém os escores no momento 1 não diferiu do momento 2; para os escores Psicológico e Social, houve diferença estatística entre todos os momentos, porém com maior significado do momento zero para o momento 1.

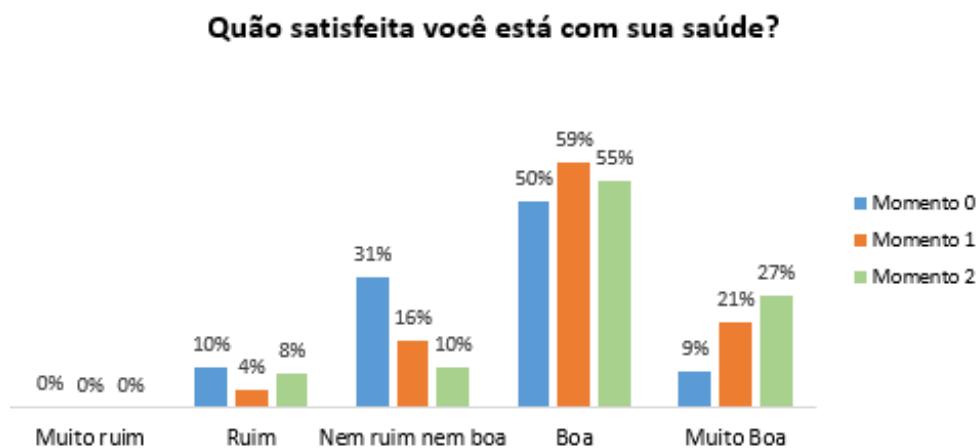
Além dos quatro domínios já abordados, o instrumental utilizado traz duas perguntas abrangentes: “Como você avalia sua qualidade de vida?” e “Quão satisfeito você está com a sua saúde?”, que puderam ser respondidas pelos sujeitos da pesquisa com “Muito ruim”, “Ruim”, “Nem ruim nem boa”, “Boa”, ou “Muito boa”. Os resultados dessa parte da investigação estão ilustrados nas figuras a seguir:

Figura 4 - Avaliação dos Trabalhadores referente à Qualidade de Vida nos Momentos 0,1 e 2



Fonte: Dados da pesquisa (2015/2016).

Figura 5 - Avaliação dos Trabalhadores quanto ao grau de satisfação em relação à Saúde nos Momentos 0,1 e 2



Fonte: Dados da pesquisa (2015/2016).

Na quinta Roda, já pode ser observada uma mudança na percepção e compreensão dos sujeitos em relação a sua própria saúde e qualidade de vida, e, conseqüentemente, no modo de responder ao questionário, gerando resultados diferentes nos momentos 0, 1 e 2. No décimo grupo, são percebidas, além dessas alterações, possíveis mudanças no cotidiano dos participantes em direção a uma melhora em sua saúde e qualidade de vida. É importante destacar que, na Roda 10, as falas dos participantes foram norteadoras na construção de duas questões geradoras de reflexão sobre a própria Roda e sobre a QV: O que, nas Rodas de Conversa, causou efeitos que poderiam provocar mudanças em sua vida; e o que produziu mudanças em suas vidas ao longo desse tempo, fora as Rodas de Conversa. A segunda

questão, por sua vez, auxilia no entendimento dos resultados que se devem às Rodas e também da influência de possíveis fatores de confusão (falecimentos, acidentes, doenças, separações).

Ambos os questionamentos auxiliam a pesquisadora na discussão dos resultados, como bases para a identificação do que, na intervenção das Rodas de Conversa, proporcionou as mudanças de escores dos domínios entre os três momentos e da diferença de resposta às duas perguntas gerais realizadas pelo instrumental, também entre os três momentos.

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”
(FREIRE, 1978, p. 79)

Para refletir sobre os resultados que puderam ser percebidos nos três diferentes momentos da investigação (Momento 0, Momento 1 e Momento 2), em consonância com os resultados do questionário *WHOQOL-bref*, foram utilizadas falas e observações anotadas em diário de campo das Rodas de número 5 e 10, realizadas com todos os grupos de trabalhadores participantes da pesquisa. Essas duas rodas foram escolhidas pois ambas demarcaram dois momentos da investigação: O Momento 1 e o Momento 2, respectivamente. Nessas rodas, foram reaplicados o *WHOQOL-bref*, e na sequência, foram feitas as discussões correspondentes às falas dos participantes. O *WHOQOL-bref* foi aplicado no momento zero, em que os trabalhadores ainda não tinham participado de nenhuma roda e traziam uma percepção sem trabalho coletivo sobre as questões abordadas. A partir da quinta roda, foi vivenciando-se o exercício de fala, escuta e invenção. Foi-se construindo o movimento de captura empírica das falas. Logo, repetiu-se o mesmo movimento de coleta de dados na décima roda para um efeito comparativo do percurso construído pelo grupo, tanto na perspectiva pessoal (dimensão de singularidade) quanto na perspectiva coletiva (dimensão social). Por meio dos resultados, mudanças na compreensão da QV podem ser percebidas, comprovando a hipótese e alcançando o objetivo desta pesquisa.

Para nortear a discussão, foram utilizados como parâmetros os quatro domínios avaliados pelo *WHOQOL-bref*: Físico, Psicológico, Social e Ambiental.

Na Roda de Conversa 5, foi pedido para que os participantes fizessem um desenho singular e individual sobre os sentidos que eles atribuíam à qualidade de vida, para, em seguida, esse desenho receber a intervenção (de dar continuidade ao desenho dos colegas) de cada uma das pessoas do grupo. O questionamento sobre as mudanças proporcionadas na vida dos participantes em relação às Rodas já surge nesse Momento e provoca a percepção de como essa metodologia desloca a percepção daqueles sujeitos sobre sua própria qualidade de vida. Esse movimento torna-se importante para perceber de modo comparativo o movimento havido entre as respostas colhidas no *WHOQOL-bref* nos momentos 0, 1 e 2 e, após o correr das Rodas, enriquecidas com a dialogicidade individual e coletiva.

Já na Roda 10, os participantes, divididos em subgrupos, representaram a qualidade de vida mediante de colagens com imagens de revistas e desenhos. Aqui também foi realizada a pergunta do momento anterior, acrescida de um questionamento cuja função foi de diminuir

os possíveis fatores de confusão que poderiam interferir nos resultados da pesquisa: “Nesse tempo, houve algo fora das Rodas de Conversa que produziu mudanças em sua vida?”

Assume-se, ainda, teoricamente e na prática das Rodas de Conversa Dialógicas, conforme Freire (1978), o permanente movimento de busca dos sujeitos, na raiz de sua inconclusão, pela humanização, em um processo que perpassa, por sua vez, a desumanização, dentro da história, num contexto que é real, concreto e objetivo, mas que não é destino dado, naturalizado. A desumanização, ao contrário, resulta de relações de injustas de poder geradoras da violência dos opressores, em que os sujeitos passam a ser menos, o que pode ser verificado naqueles que têm a humanidade roubada, mas não apenas neles, visto que aqueles que a roubam, os opressores, sofrem da vocação distorcida do ser mais (possível na história, mas não vocação histórica). São características deste trabalho, portanto, “a luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si” (FREIRE, 1978, p. 30), do contrário, não teria significação.

Para o escore físico, tem-se uma diferença significativa entre o momento zero e os Momentos 1 e 2, mas não entre o Momento 1 e o 2. As falas dos participantes indicam o quanto, no Momento Zero, de uma forma geral, responder ao questionário teve uma característica de atividade mecânica, “automática”, em que nenhuma reflexão foi considerada por eles: “Vi que vivo no automático, respondi o questionário também no automático. Agora parei para pensar mais e vi o quanto posso melhorar em muita coisa na minha vida” (Roda 5, Trabalhador 19).

O Momento 1 é marcado, no entanto, por uma mudança na percepção dos membros das Rodas 5 com relação aos questionários, às suas perguntas e ao jeito como eles respondiam anteriormente. “Eu vi que eu não dormia bem e na primeira resposta eu coloquei um tanto de ‘muito bom’, mas eu vi que meu sono era ruim só quando eu pude pensar. Aqui, hoje, eu vi que eu poderia viver melhor” (Roda 5, Trabalhador 101).

A Roda de Conversa Dialógica se constitui como uma prática de rompimento com a massificação cotidiana dos sujeitos, em que, primeiramente, por estarem em roda, eles têm a oportunidade de se olhar. No decorrer dos grupos, à medida que a palavra circula naquele espaço, eles adquirem a capacidade de se ver a partir das relações ali estabelecidas.

A Roda possibilita, então, o processo de problematização da palavra, que envolve, consonante ao pensamento de Freire (2002a), a análise da realidade que vai se desvelando, pouco a pouco, quando o ser humano fala, pode posicionar-se de fato como sujeitos, já que, comparativamente ao pensamento freiriano, a alfabetização se constitui um direito negado a

alguns homens, aqui, a reflexão que aparece refere-se ao expressar —se livremente, um processo negado aos trabalhadores.

O trabalhador 108, complementando a fala anterior, declara: “A gente acostuma até com o que é ruim, já dizia os antigos. Eu também estou prestando mais atenção e vou tentar melhorar. Eu, hoje, acho que estou dormindo mal também e sei que posso dormir melhor” (Roda 5, Trabalhador 108).

A questão do sono aparece em demasia nas Rodas, como um fator físico importante, mas que não era percebido antes da realização dos grupos e da possibilidade de reflexão proporcionada por eles. Outros fatores físicos que também recebiam o mesmo olhar, ou não olhar, por parte dos sujeitos participantes das Rodas são: dores no corpo e má alimentação:

“Eu vi que meu corpo dói muito ao final do dia e eu, na primeira vez que respondi, nem prestei atenção”. (Roda 5, trabalhador 53).

“A minha má alimentação eu vi aqui no grupo, porque parei e pensei nisso. Ainda não consegui mudar muito, mas estou tentando”. (Roda 10, Trabalhador 13).

A partir da última fala, os participantes do grupo pediram a presença de uma nutricionista. O compartilhamento de múltiplos saberes, então, abriu a possibilidade de ainda mais reflexões: “[...] A minha alimentação está ruim [...] eu não tinha percebido que me fazia tanto mal. Agora eu entendi que preciso mudar e já estou começando a mudar e foi aqui que me ajudou” (Roda 10, Trabalhador 3).

Ao longo do tempo de realização dos grupos, alguns trabalhadores começaram a notar, também, o quanto a própria dinâmica e funcionamento de seu trabalho são causadores de algumas questões físicas e o quanto seriam necessárias movimentações que ultrapassassem os limites estruturais do grupo e que se refletissem no cotidiano:

“Tenho dor no braço direito, essa bolsa é muito pesada”. (Roda 5, Trabalhador 201).

Eu vou cuidar muito de mim para sempre enxergar. Agradeço por poder estar aqui hoje, valorizar eu mesmo. A gente sai de casa todo dia para fazer as coisas pensando no outro e respondendo esse questionário hoje com mais atenção eu fiquei pensando o tanto que preciso melhorar, cuidar de mim. Eu tenho muita dor nas pernas, eu não faço nada para mim. (Roda 5, Trabalhador 72).

“Eu comecei a fazer exercício físico, e foi depois da Roda que eu fiz isso”. (Roda 10, Trabalhador 43).

Dessa forma, a Roda de Conversa Dialógica emerge também como uma estratégia em promoção de saúde, com técnicas que colocam o trabalhador ativo em sua capacidade de inventar alternativas para a melhora de sua qualidade de vida.

Pensar na pouca mudança entre os escores de quaisquer domínios entre os Momentos 1 e 2, significa estar atento ao fato de que, se até a Roda de Conversa 5 os participantes da pesquisa puderam refletir sobre questões relacionadas ao questionário, a Roda 10 marca mudanças no cotidiano a partir das reflexões já realizadas. As alterações quanto ao questionário foram percebidas e posteriormente houve uma movimentação dos sujeitos em sua própria realidade:

Acredito que através desse encontro a nossa atenção volta mais para as coisas que acontece, pessoais e também profissionais. Com certeza, ficamos mais preparado para as dificuldades diárias, pelo menos reflete mais os acontecimentos. Verifiquei que, depois de alguns encontros, corriji algumas coisas que considerei poder melhorar. (Roda 10, Trabalhador 51).

Os itens relacionados ao Domínio Psicológico, segundo o instrumental *WHOQOL-bref*, são: “sentimentos positivos”, “pensar/aprender/memória/concentração”, “imagem corporal e aparência”, “autoestima”, “sentimentos negativos”, estão diretamente relacionando a este campo, o que demonstra o quanto as Rodas de Conversa Dialógicas influenciaram na reflexão que os membros do grupo passaram a fazer sobre o próprio questionário aplicado nos diferentes momentos da pesquisa, o que lhes deu oportunidade de se voltarem a si mesmos e a suas próprias percepções individuais, revistas nos aspectos psicológicos:

E eu nem entendia bem algumas coisa no questionário e fui respondendo também igual você (risos) no automático, mas quando parei para pensar eu olhei para mim... Eu pensei nas minhas relações... Nossa, eu preciso melhorar! E eu respondi tanta coisa ‘ótima’ que na verdade não era, mas era porque nem sabia que tava tão ruim (choro). Eu tenho passado um tempo difícil. Aqui está me ajudando. (Roda 5, Trabalhador 8)

Dessa forma, mesmo com a proposta de abranger questões relacionadas ao trabalho, e justamente pela própria inseparabilidade entre o trabalho e a vida dos sujeitos, compreende-se a Roda de Conversa Dialógica como uma metodologia que vai para além desses aspectos, possibilitando movimentações subjetivas e singulares nos membros dos grupos: “Me ajudou muito no processo de separação, no ânimo para faculdade e serviço. Depois das Rodas eu parei de beber, voltei para a faculdade, emagreci 9 kg. Me arrumo mais, cuido mais. Obrigada, por tudo (refere à animadora⁴)”. (Roda 10, T 17).

⁴ Conforme explicado anteriormente, a metodologia freiriana não trabalha com a figura do professor em função do processo de hierarquização que cria distanciamento com os educandos. Na pesquisa quando nos referimos a animadora, diz respeito a ação direta do papel do animador (pesquisadora) dos grupos na Roda de Conversa Dialógica.

O modo de funcionamento da sociedade capitalista, em tempos neoliberais, proclama a possibilidade de conquista da liberdade por parte dos sujeitos por vias do individualismo, que se torna cada vez mais exacerbado (Marx; Engels, 1988). Dessa forma, a competição dos homens entre si gera a constante disponibilização de mão de obra, o aumento contínuo da produção e, por outro lado, do mercado de consumo, e diminui as chances de esse processo contraditório de massificação das singularidades e de alienação ser descoberto, pois não há incentivo da vivência em coletividade, mas, no máximo, um mero agrupamento de pessoas silenciadas, vindas de uma cultura gerada nas condições objetivas de uma realidade opressora, que condiciona uma forma de ser vigente na estrutura capitalista (FREIRE, 2002a).

Assim, diante do modo de funcionamento da civilidade contemporânea, um processo de dicotomia entre sociedade e indivíduo acontece, bem como de anulação das singularidades, o que pode ser captado pelos trabalhadores ao longo das Rodas, apontando a importância desse espaço na percepção dessa operação.

Diante disso, a busca pela autonomia e a sua conquista se constitui, segundo Freire (1978), como um processo árduo, em que os oprimidos ao se apropriarem dos modos de viver dos opressores, temem a liberdade pela responsabilidade que ela carrega, sem percebê-la como a conquista que o é e o quanto exige uma permanente busca, que não se caracteriza, por sua vez, como existente apenas no ato responsável de quem realiza uma ação, como um ponto ideal, como um mito, mas como condição indispensável ao próprio movimento de sua procura, em que estão inseridos os sujeitos como seres inconclusos.

Eu esqueci que eu era alguém, tinha um corpo, uma mente, eu esqueci de mim eu dediquei a uma única pessoa, eu envolvi tanto com o problema do outro que esqueci de mim, mas aqui tem me ajudado a olhar para mim. Quem se ajuda é nos mesmos. Primeiro se ajudar depois ajudar o outro. Eu descobri que no fim, eu que precisava de ajuda e aqui no grupo eu reconheci isso e comecei a cuidar mais de mim, para depois eu ajudar o outro. Cada dia que foi passando aqui eu fui aprendendo isso. (Roda 10 Trabalhador 201).

É no trabalho das Rodas, na intervenção do animador, no encontro/confronto com o outro que o sujeito se dá conta de seu próprio existir, de sua própria singularidade e do mundo em que vive, sem que sejam conduzidos a qualquer outra verdade absoluta e sem que sejam considerados “vasilhas vazias” (FREIRE, 2002b, p. 36) nas quais se vá depositando conhecimento. Os sujeitos, ao contrário, são considerados fundamentais no seu processo de reflexão e constituição e sujeitos no processo de sua capacitação (FREIRE, 2002b).

Eu aprendi aqui, através das diferenças das pessoas, a gente também pode pegar de cada um aprender uma coisa, para que, mais pra frente, a gente

possa se expressar melhor, conviver melhor dentro... então, cada um aqui tem sua qualidade e seu defeito. E através até dos defeitos de cada um pode aprender, eu gosto mais de mim. (Roda 10 Trabalhador 1).

Entende-se, então, a necessidade de superação da opressão, que exige o reconhecimento crítico de uma realidade subalternizadora, para que, por meio de uma ação/reflexão, outras ações possam acontecer para que possibilitem a busca do sujeito por “ser mais”⁵, o que não é tarefa simples, no entanto, diante do funcionamento da estrutura dominadora, que faz os oprimidos temerem a liberdade ao não se sentirem capazes de correr o risco de assumir responsabilidade sobre ela. Ao descobrirem o anseio pela liberdade, porém, os sujeitos compreendem que este anseio somente tem lugar na concretude de outros anseios (FREIRE, 1978), o que produz um ciclo de rupturas possibilitado, aqui, pelo lugar das Rodas.

O Domínio Social abrange os aspectos das “relações sociais”, “atividade sexual”, e suporte/apoio social”, sendo o primeiro item fundamental e constitutivo de qualquer pessoa. Considerando que aqui houve diferença estatística de escores entre todos os momentos da pesquisa, as Rodas de Conversa Dialógicas se formam, assim, como mais um lugar de constituição daqueles sujeitos que já são implacavelmente sociais e que atribuem sentidos no encontro com o outro para o contexto trazido por ele, em um processo de encontrar-se com o mundo do outro e de voltar-se para o seu, construindo-o de formas diferentes daquelas com que estava acostumado.

A partir das Rodas, passei a refletir sobre a vida, as coisas relevantes, que valem a pena levar em consideração ou que devem ser deixadas de lado. Passei a desconstruir certos preconceitos e conceitos, formados em aprender a escutar mais o outro e entender que nem todos pensam e agem como eu. (Roda 5, Trabalhador 211).

Dessa forma, pensar no Domínio Social dentro das Rodas de Conversa Dialógicas atravessa a reflexão sobre a importância de cada sujeito membro do grupo ser olhado e da palavra proveniente de suas falas circular, em um movimento em que fica evidente o processo de constituição nas relações sociais e as novas possibilidades de construção de si mesmos a partir das Rodas:

Olhar para (cita outro participante), eu me vi nele muitas vezes. Esse encontro hoje, para mim foi muito importante. No pouco tempo de convivência aqui no grupo, percebi que temos muita coisa em comum. Então, quando eu olhava para ele (cita o mesmo participante) eu lembrava da minha família, o companheirismo, a minha responsabilidade com as coisas. Temos muitas semelhanças e ficou marcado foi a amizade e sempre querer o

⁵ Cf. Freire (1978).

bem, o melhor. Eu, hoje, respondi, com certeza, essas perguntas pensando nisso, nos meus colegas, na minha família... São importantes para mim. (Roda 5, Trabalhador 73).

Quanto ao Domínio Social, nas Rodas 5, de uma forma geral, verifica-se uma tomada de consciência por parte dos membros do grupo quanto ao apoio social ou à falta dele, sendo que nas Rodas 10, fim do processo de pesquisa e da prática da Roda de Conversa Dialógica, mudanças são detectáveis quanto aos movimentos que os trabalhadores se dispõem a fazer e que provocam abalos em seus modos de vida antes naturalizados e enrijecidos

Meu ponto de vista, eu acho...acho por mim, eu me peguei tanto ao whatsapp porque descrencei do ser humano. Descrencei muito... não, descrencei muito das relações pessoais, dia a dia, eu me desmotivei muito...no momento que fiquei no lugar da “t”, eu fiquei muito frustrado, queria desenvolver um projeto que, que seria maravilhoso de motivar os agentes a trabalhar de uma certa forma e que vi que as coisas foi totalmente ao contrário, completamente ao contrário. Então isso me desmotivou de uma forma absurda, foi aí que caí numa fossa, por exemplo do whatsapp. Hoje... parece engraçado, mas não é...comecei a ver, comecei a me distanciar muito da turma, por que comecei a ver, que pessoas não estavam, também comigo ali naquele local, eu comecei a encurtar distâncias com pessoas que se sentiam bem a conversar pelo whatsapp (...) (Roda 5 Trabalhador 182)

“Mas agora a turma tá unida de novo, a gente te ama. Então você volta a conversa com a gente”. (Roda 5 Trabalhador 190).

Não sei se vocês lembram, mas eu já falei da minha fuga para o whatsapp, e quero dizer hoje que vocês me ajudaram demais, eu estou conseguindo interagir mais com as pessoa lá em casa mesmo isso também tá melhorando e foi aqui você, Erlandia, me deixou participar calada na maioria da vezes, mas eu absorvi tudo aqui, eu levo comigo cada palavra, os desenhos, as atividades que foi feita aqui. Isso melhorou muito e acho que na minha qualidade de vida. Eu sou mais calado mesmo (Risos). (Roda 10 Trabalhador 182).

É novamente, no verdadeiro encontro/confronto com o outro revisitado, reflexivamente pela Roda de Conversa Dialógica, que aqueles sujeitos puderam, então, compreender-se como fruto de suas relações sociais e, mais ainda, como ativos nesse processo de constituição, entendendo que um não existe sem o outro e que eles têm uma gama de possibilidades outras de serem para além de só ser um Agente de Controle de Zoonoses.

Comparativamente ao processo com os alfabetizandos Freire (2002a) demonstrou que estes, à medida que se deparavam com novas possibilidades e se multiplicavam mediante da apropriação de novas palavras geradoras, ampliavam tanto seu vocabulário como sua capacidade de expressão. Ao mesmo tempo, desenvolvendo sua capacidade criadora, os

participantes da Roda, quando são apresentados a diferentes modos de vida, de forma horizontal, têm a possibilidade de se constituir dessas variadas maneiras, apropriando-se de novos posicionamentos através da expressão e agindo para criar, cada vez mais, maneiras de existir no mundo.

Eu levo que disse, também no começo, que e, a questão de, talvez ultrapassar nosso olhar, talvez além desse colete azul passar a enxergar a pessoa debaixo dele, aquela coisa que a gente não faz às vezes. Às vezes, a gente se apega muito no trabalho, ah fulano trabalha de tal forma, ciclano de outra forma, e tal tal tal...mas acaba esquecendo que debaixo do colete tem pessoas com realidades completamente diferente neh, e aí (...) (Roda 10 Trabalhador 191)

A abordagem das Rodas preocupa-se, conforme Creswell (2014), com as questões sociais ou humanas de forma sensível aos participantes e aos lugares em que se encontram, considerando-os ativos e não indiferentes durante a investigação, em que suas próprias reflexões a movimentam e em que ela, por sua vez, se configura como uma intervenção, atuando na sensibilidade dos participantes.

Hoje em dia cê, sai na rua, eles não sabem... eu observo muito... vai no shopping casal de namorado com o celular na mão, as crianças não sabem mais brincar, ser mais companheira, eu acho que a vida... tá perdendo um pouco do sentido assim sabe... eh, a tecnologia é muito boa, mas acho que tá sendo mal usada, sabe assim.... acho que... acho que tá ficando...eh sabe, banal... ah morreu alguém ali, deixa eu ir tirar foto pros outros vê...aquele sentimentalismo, nossa a pessoa morreu... (Roda 10 Trabalhador 23).

Novamente de importante destaque, configuram-se os aspectos sociais estruturantes da sociedade em que esses trabalhadores estão inseridos e dos quais são constituintes, o que também é trabalhado na Roda de Conversa Dialógica, configurando-a como um trabalho político, considerando ação política como aquela realizada nas relações humanas, fruto de debates e diálogos realizados no espaço comum ao público, ou até mesmo na vida cotidiana (ARENDT, 1999).

[...] As pessoas chegam para a gente e temos uma primeira impressão, ou seja, um preconceito daquela pessoa, que eu acho que é natural, por exemplo se os meninos chegarem aqui e encontrar, às vezes a primeira impressão que a gente tem de vocês acaba sendo um preconceito. É natural do ser humano acho, e com a convivência estreitando esses laços, vai driblando esses preconceitos, ou às vezes, vai reafirmando alguns também ...para um lado ou pro outro, o que às vezes, é de um lado pode ser positivo do outro negativo é sempre uma via de duas mãos, da reunião gostei muito, achei bem bacana, exatamente por driblar esse distanciamento tão natural. Eu mesmo, falar um negócio do whatsapp, eu me sinto, já me sinto, muito corrompido pelo whatsapp, pelas redes sociais, pela internet,e eu...É uma queixa comigo que

vem fazendo a algum tempo e tal...tentando melhorar isso também. (Roda 5 Trabalhador 177).

Considera-se que as Rodas de Conversa Dialógicas abrem possibilidade para um fazer político não relacionado a espaços burocráticos, mas, sim, àquele lugar em que os sujeitos podem pensar sobre sua realidade, intercambiando conhecimentos a partir de diferentes sentidos e propor o novo, em que se aspira à igualdade de direitos e a liberdade de dizer, em lugar da restrição ao privado e da individualização tão firmados no mundo atual. Ao estar no grupo, o sujeito passa a ouvir o diferente e perceber modos plurais de viver, o que se constitui como a característica fundamental da política (LARRAURI, 2000).

O Domínio Ambiental, por sua vez, refere-se à “segurança física e proteção”, “ambiente físico/poluição/clima/ruído”, “recursos financeiros”, “oportunidades de adquirir informações e habilidades”, “participação em oportunidades de lazer”, “ambiente no lar”, “cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade”, “transporte”.

Nas Rodas de Conversa Dialógicas, o que fica evidente sobre esse campo da QV diz respeito à precariedade em todos os itens nele abrangidos no mesmo.

“No nosso trabalho, não é fácil viu, a gente não tem nem onde fazer xixi e isso atrapalha a qualidade de vida. Adoece, porque fica segurando”. (Roda 5, Trabalhador 38).

“É verdade, nem dor de barriga a gente pode ter”. (Roda 5, Trabalhador 42).

As condições relacionadas às próprias características do trabalho do Agente de Controle de Zoonoses em si trazem aspectos cotidianos, que comprometem a qualidade do ambiente de trabalho:

Acho o trabalho invasivo demais... é constrangedor de uma forma.... Entra nas casas das pessoas e invade, mas a pessoa que abre a porta está consciente...o morador sente vergonha e nos agride, e não precisa, não precisa sentir vergonha...ela fica constrangida e agride. Eu faço essa mesma relação com o morador quando a gente chega na casa dele. É isso me ajuda ser mais tranquilo para entender o morador agora, e com certeza, me ajuda na QV porque fico tanto tempo aqui e as coisas daqui também interfere na minha família. (Roda 10 Trabalhador 18).

Esse cotidiano é, então, naturalizado, e, muitas vezes, não é alvo de reflexão por parte dos trabalhadores por estarem inseridos em um modo de vida já enrijecido, o estranhamento provocado pelas Rodas acontece por meio dos encontros nas falas, da circulação da palavra e das intervenções da animadora, o que fica perceptível, principalmente, na Roda 10:

“Tenho muitas dores nas pernas e se eu sento para descansar a galera da rua critica a gente”. (Roda 5, Trabalhador 89, falando sobre o seu horário de descanso).

Através do diálogo consigo ver como anda a real situação no todo da Zoonose e, em parte, da Prefeitura. A gente não tem nem condições de trabalho. Aqui, tem o momento de desabafo, o que tira um pouco da tensão do trabalho, ameniza o estresse do dia a dia. (Roda 10, Trabalhador 207).

É o processo de “ad-mirar”, possibilitado pela Roda, uma operação em que o sujeito se desloca da fotografia do cotidiano em que está inserido e observando-a de longe adentra em si mesmo e se “mira” de longe podendo ver o que não via, o que o faz enxergar criticamente a sua própria realidade de forma desarmada, reconhecendo o que antes era naturalizado e passando a encará-la como um desafio (FREIRE, 2002b).

A naturalização gera um processo de massificação do sujeito, em que a sua singularidade é apagada pelo processo de alienação nas sociedades neoliberais, em que há uma ilusão de liberdade impossível de ser alcançada, já que o próprio funcionamento do capitalismo tem como base a exploração de um Estado que a conduz mediante a alienação do indivíduo e da opressão de uma classe em relação a outra, cuja origem acontece na divisão social do trabalho (MARX; ENGELS, 1988).

“Nós somos invisíveis para a sociedade exemplo propaganda ‘- deixe o agente entrar na sua casa’ como se fosse um favor (...)”. (Roda 10 Trabalhador 116).

“Se eu soubesse que viriam hoje, eu não teria retirado os lixos tinha deixado para vocês(...)” (Roda 10 Trabalhador 211).

Assim, o tempo todo é no grupo como Roda que os discursos dos sujeitos ganham a possibilidade de existir de forma válida e de circular por aquele ambiente, encontrando-se com os discursos de outros participantes por meio da mediação da animadora e criando a possibilidade de movimentações, que ultrapassam os limites daquele espaço e que produzem intervenções na realidade concreta daqueles sujeitos “para mim, é um absurdo a gente trabalhar e não ter o salário, nós estamos reunindo fora daqui para nos organizar e acho que o fato da gente estar mais unido pode nos ajudar nisso” (Roda 10 Trabalhador 39).

Compreendem-se aqui, os limites da pesquisa e intervenção, que, por vezes esbarram numa realidade complexa e estruturada dessa sociedade contraditória, mas que a ação consciente dos trabalhadores, embora limitada pelas contradições a que são submetidos, conseguem promover e movimentar alternativas para seus problemas pessoais ao intercambiarem entre si suas questões cotidianas.

Aqui nas rodas é bom para nós que pelo menos tratamos as nossas feridas, mas na verdade sabemos que quem fere não conseguimos alcançar por aqui. Isso é igual o nosso trabalho fazemos a ponta não atuamos no macro e, com isso, tem tanta falha no resultado porque tem falha no macro. Esta é uma

responsabilidade da comunidade e não nossa e isso não é claro. (Roda 10, Trabalhador 156).

Um processo de importante destaque, acontecido durante a pesquisa e percebido principalmente nos momentos 5 e 10 da investigação, se refere ao fato de que os participantes das Rodas de Conversa Dialógicas se posicionaram de jeitos diferentes em cada ocasião da aplicação dos questionários, o que pôde tanto ser percebido pela pesquisadora, como foi declarado explicitamente por alguns participantes:

A primeira vez que eu respondi essas perguntas respondi por responder. Agora, hoje, eu prestei atenção e foi interessante que eu não pensava que essas perguntas tinham importância para a qualidade de vida, e depois que a gente foi tendo esse tempo aqui para falar da gente, da nossa casa, da família, do trabalho, tudo fez sentido para mim. (Roda 5, Trabalhador 42).

Ao responderem ao questionário pela primeira vez, os membros do grupo não tiveram atenção reflexiva em relação às questões levantadas no instrumental *WHOQOL-bref* respondendo-o de forma automática, ou seja, sem que este propiciasse um despertar para olharem para si mesmos naquele contexto das questões abordadas, ponderando sobre sua qualidade de vida.

No momento 5, por sua vez, após a realização de metade das Rodas, percebeu-se uma mudança nas falas dos participantes, revelando um deslocamento discursivo indicador da posição do sujeito ante as questões abordadas no sentido de qualificarem mais suas respostas no ponto de vista crítico e reflexivo:

Na segunda vez, acho eu fui bem diferente não só para mim mas para os colegas pelo que cada um falou aqui. Quando eu prestei atenção neste questionário para responder eu vi que tanta coisa de QV, e tudo está relacionado no nosso dia a dia. A minha família, o meu estudo, o meu chefe, meus colegas de trabalho, o dinheiro, o meio ambiente, a parte de segurança, hoje andamos na rua com medo de tudo, isso é ruim demais. Eu antes nem parava para pensar nisso, acho que eu vivia a vida parecendo um robô. Hoje eu paro para pensar e por isso acho que eu melhorei até o jeito de ver as coisas, eu melhorei para tomar as decisões, para ficar mais calma, mas, quando precisa, fico brava (risos). (Roda 5, Trabalhador 230).

Assinala-se, dessa forma, que o processo das Rodas de Conversa Dialógicas possibilitou que os sujeitos se atentassem para as questões trazidas a eles pelo questionário, um movimento de reflexão acerca de seu cotidiano e da própria constituição de si mesmos, que foi proporcionado pelos grupos.

Se, antes, aqueles trabalhadores não tinham a oportunidade de pensar sobre sua qualidade de vida, que engloba tantos outros aspectos de sua história, foram as Rodas que ofereceram espaço para que eles pudessem fazê-lo.

Já no momento dois, final da coleta de dados, última aplicação do instrumento; para além de perceber e compreender aspectos relacionados à sua qualidade de vida, que, no primeiro momento da pesquisa, não eram olhados, percebe-se que os membros do grupo iniciaram movimentos de mudança, de ruptura com o modo de vida “não olhado” que vinham experimentando.

Aprendi a tirar proveito de tudo, até da morte (se recorda do participante que faleceu durante os grupos), às vezes é com a morte de alguém que me enxergo. Eu também refleti mais agora do que a primeira vez que respondi, porque antes eu fiz isso de qualquer jeito. Interessante, mas foi isso. (Roda 10, Trabalhador 92).

A compreensão de animador em um trabalho dessa magnitude, usando a metodologia dialógica, exige uma disciplina de atenção muito apurada. É nesse perceber de detalhes discursivos que um animador fará a captura do movimento realizado pelo sujeito que fala à sua realidade. Ao observar a circulação da palavra para a ação, podemos nos reportar, ainda, a Freire (2002b), quando o autor diz da “palavração”, sendo ela mais do que vocábulo, a palavra adquire uma autoria daquele que a pronuncia, tornando-se, assim, invenção singular do sujeito que simboliza a realidade do mundo como ela é para ele fugindo da percepção de mera “palavra oca”. Por isso “[...] não é possível linguagem sem pensamento e linguagem-pensamento sem o mundo a que se referem, a palavra humana é mais do que um mero vocábulo” (FREIRE, 2002b, p. 59).

Dessa forma, pensar sobre o próprio questionário ajuda as pessoas a olhar para si, as perguntas as fazem pensar e falar, porém, normalmente, elas não se atentam para essas questões. A partir das Rodas de Conversa Dialógicas, quando levam em conta as perguntas, o próprio questionário as auxiliou a se deslocar de si mesmas para, depois, retornarem, refletindo sobre si e sobre sua realidade.

Ações como essa se tornam possíveis a partir da metodologia da Roda na sua dimensão dialógica, por possibilitarem o encontro/confronto com o diferente, com o novo, com múltiplas singularidades e modos de existir no mundo, em que a subjetividade e a objetividade se encontram em um lugar dialético e resultam em um conhecer solidário com o atuar e vice-versa, gerando uma ação e um pensamento certos diante e sobre a realidade para transformá-la (FREIRE, 1978).

As Rodas ajudam a compreender um pouco mais sobre mim mesmo, rever atitudes, pensar um pouco mais como tirar proveito de certas situações, entender um pouco mais o outro. Isso ocorre de forma mais forte no ambiente de trabalho, porque sempre falamos do trabalho. Aqui passamos muito tempo e temos muitas dificuldades. (Roda 10, Trabalhador 73).

Essa fala também oferece pistas sobre as diferenças entre as Rodas de Conversa Dialógicas e outros jeitos de se fazer grupo. O trabalho aqui realizado se constitui em ação para libertação, ou seja, é um ato de conhecimento em que os participantes são colocados a assumir o papel de cognoscentes, ativos, nesse processo, em diálogo com a animadora, em que ocorre, então, uma tentativa de desmitologização da realidade, em um esforço constante de tomar distância do cotidiano em que esses trabalhadores se encontram, dela emergindo para nela inserir-se novamente, criticamente (FREIRE, 2002a).

Assim, nas Rodas de Conversa Dialógicas, a animadora é radical no compromisso com a transformação social e com a liberdade da palavra:

Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo, não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com ele se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. (FREIRE, 1978, p. 24).

Radicalidade essa que proporciona reflexão com os participantes das Rodas, gerando um ambiente de liberdade, o qual aproxima uns dos outros nas suas histórias e nas possibilidades de que as histórias faladas coletivamente enriqueçam a oportunidade de vislumbrar a invenção do “inédito-viável”⁶ encontrado na singularidade de cada um, particularizando o seu encontro com o novo. Sem diretivismo, porém, com uma condução ética o trabalho da animadora cria um ambiente para a liberdade de cada um encontrar na riqueza dos discursos a construção de suas próprias respostas.

As rodas foram interessantes que não foi você que dizia o que ia falar, foi nós que fez isso, isso eu nunca vi em empresa nenhuma. A pessoa, quando é treinamento fala o que a gente deve fazer, ensina. Tem coisa boa também. Já participei na empresa que trabalhei antes, mas aqui é diferente, eu fiquei à vontade. E eu também respondi o questionário hoje com muito mais atenção. (Roda 5, Trabalhador 232).

“Aqui no grupo eu desenvolvi sensibilidade para perceber pequenas coisas, detalhes mesmo, de algumas coisas que antes eu não via”. (Roda 5, Trabalhador 18).

⁶ Freire (1978).

As Rodas possibilitam, então, o movimento do sujeito que antes simplesmente vivia e que não era capaz de refletir sobre o mundo, e saber-se vivendo neste mundo, como observa Freire (2002b), passa a se entender como sujeito existente e que reflete sobre a sua vida, no próprio domínio da existência, passando a questionar suas relações com o mundo. É proporcionada, conseqüentemente, ação, pois, como explica o autor, a “consciência de” e “ação sobre a realidade” são inseparáveis, ambas constituintes do ato transformador pelo qual as pessoas se constroem seres em relação, percebendo a possibilidade que têm de atuar sob sua realidade. Essa nova comunicação com a realidade é tomada, agora, por meio de uma linguagem criadora, por meio de variadas possibilidades de resposta, que testemunham a criticidade das relações que passa a acontecer entre os sujeitos e o mundo.

Eu achei esclarecedor. A gente, no dia a dia, não pensa nessas coisas, no jeito de lidar com as pessoas, na nossa saúde, na segurança, no meio ambiente. Nunca parei para pensar. A primeira vez que respondi essas perguntas, como os colegas ali, eu fiz também sem pensar muito, mas durante esses encontros aqui, eu ouvi os colegas e prestei atenção. (Roda 5, Trabalhador 108).

Seria descuidado dizer, porém, que as Rodas de Conversa Dialógicas dão conta de provocar grandes mudanças referentes a todos os aspectos que abarcam a qualidade de vida dos sujeitos, pois, assim como com qualquer trabalho que busque um cuidado em saúde do trabalhador, alguns limites concretos se esbarram nesse processo, gerando, por vezes, impossibilidades

“Uma reflexão, vou só fazer um desabafo... Trabalhar todos os dias no sol e na chuva, carregando esse peso nas costas, sem nem lugar para fazer o lanche e nem receber... É só tendo um lugar para falar que ajuda um pouco”. (Roda 10, Trabalhador 15).

As Rodas abrem a possibilidade de atuação com os sujeitos, de intervenção junto a seu posicionamento no mundo mediante a apropriação de seu contexto e da história. Assim, por mais que a concretude de sua realidade ofereça barreiras, a potência da coletividade, do estar em grupo e da circulação da palavra ainda oferta possibilidades. “Falar aqui me ajudou muito, porque nem salário temos” (Roda 10, Trabalhador 60).

Por fim, apesar de todos os fatores adversos diante de todas as impossibilidades que enrijecem qualquer trabalho na sociedade atual, capitalista, e perante as barreiras das condições de trabalho vividas pelos participantes desta pesquisa em seu dia a dia e durante o tempo em que as Rodas foram realizadas, fica claro a potência do trabalho em grupo, conduzido pela animadora de forma a transformar aquele espaço em uma Roda de Conversa

Dialógica. Assim a palavra tem a possibilidade de circular, onde os participantes são colocados em um mesmo patamar e de lá são ouvidos, respeitando-se suas diferenças, e onde, em consequência disso e partir de reflexões sobre seu cotidiano, os aspectos já trazidos pelo questionário *WHOQOL-bref* puderam ser mais profundamente pensados, gerando, posteriormente, iminência de movimento e ruptura em relação ao que os próprios sujeitos perceberam não estar bom.

A situação de opressão, porém, só se desarranja, ou passa a ser um ato de amor, nas palavras de Freire (1978), quando os oprimidos passam a ser enxergados pelos opressores como existências concretas, injustiçadas e roubadas em sua palavra. Apenas dizer que os sujeitos são livres, então, não movimenta sua realidade de forma concreta, mas, sim, a própria movimentação objetiva dessa concretude pode superar a situação de opressão.

No entanto, não há como pensar em uma objetividade sem que a subjetividade esteja em questão, e vice-versa. Freire (1978) pondera sobre a importância da subjetividade e da objetividade estarem em permanente dialeticidade, sem que se pense, portanto, em um objetivismo, ou subjetivismo, ou mesmo em um psicologismo, o que significaria negar a importância da presença de um ou do outro: ou do processo de transformação do mundo e da história, ou de um mundo sem sujeitos.

Assim, ao atuar com as Rodas de Conversa Dialógicas na reflexão sobre o questionário *WHOQOL-bref*, considera-se aquele espaço como uma arena social e objetiva, mas que não existe por acaso, e sim como produto da ação dos sujeitos que dele participaram como produtores dessa prática, que, por sua vez, intervêm neles e os transforma em sua realidade opressora, constituindo tarefa histórica e tarefa dos próprios sujeitos (FREIRE, 1978).

Ao apropriar de seu processo de construção na Roda, os trabalhadores comunicam sua visão direta sobre as mudanças em sua percepção sobre como significam sua qualidade de vida na Roda 5, e sobre como a resinificam na Roda 10 e se movimentam em direção proporcionar uma melhor QV a si mesmos. Pode se observar, comparando as falas, que na Roda 5 acontece uma primeira aproximação que aparece como intenção, um alvo, algo que está mais distante do sujeito. Na Roda 10, a palavra que faz laço na mudança qualitativa das observações que ele faz recupera o termo QV como uma ação que ele trouxe para o campo do concreto realizado a partir da sua própria experiência, demonstrando o movimento construído individual e coletivamente.

Tudo interfere na qualidade de vida, por exemplo, dormir é muito importante, eu até tinha respondido que dormia bem depois pensando igual a (refere-se a outro membro do grupo) falou eu refleti e vejo hoje que eu não dormia bem. (Roda 5 Trabalhador 28).

Qualidade de vida para mim é ter acessibilidade, eu gostaria de ter acesso a lazer e não só trabalho. Lógico que trabalho é importante, eu passo muito tempo sem ir em uma festa e nem sei como comportar numa festa, pois fico tanto tempo sem sair de casa, quando eu saio de verdade nem sei como fazer esquisito isso. Hoje eu só trabalho. (Roda 5 Trabalhador 83).

Eu aprendi a compreender essa minha família. (choro) as vezes doi eu sinto falta.... Mas eu em cada casa que eu vou eu tento fazer o melhor porque eu sempre tento fazer o melhor no meu trabalho e na minha família hoje. Eu estou aprendo aqui com vocês. A minha QV eu busco a cada dia. Toda dificuldade que eu passei, eu penso que vou conquistar tudo que eu quero e eu já consegui muita coisa. (Roda 10 Trabalhador 08).

Qualidade de vida é possível mesmo com essa bolsa pesada, esse uniforme, a nossa realidade nos no campo ter o sol que esquenta, incomoda, mas traz luz, o cachorro que nos alveja no nosso dia a dia. Mas quando cuido da casa da saúde da população, cuido da minha. Eu achava que meu trabalho não era importante porque os outros trata agente de qualquer jeito. Mas eu hoje vejo diferente eu sei que o que eu faço tem um valor (...) e eu como pessoa tenho um valor sabe, eu saí de um relacionamento que eu não dava conta e isso aqui me ajudou, cada um dóceis (...) (choro) vou sentir saudades (...) QV também é poder ficar sozinha eu levo junto com essa sacola agora a palavra de cada um e mais as minhas. (Roda 10, Trabalhador 11).

Esse processo de significação acontece, novamente, a partir do encontro/confronto entre os diferentes membros do grupo no espaço das Rodas de Conversa Dialógicas, em que esses trabalhadores apresentam seus posicionamentos ante o mundo, de acordo com o sentido que atribuem a ele e podem, então, pensar e assumir novos posicionamentos, gerando novos acontecimentos em sua vida.

Sabe falamos aqui em qualidade de vida para mim é muito contraditório pensar em vida com qualidade sem ter o mínimo, sem ter o dinheiro para pagar as contas, sabendo que eu trabalhei, não só eu mas cada um aqui trabalhamos, inclusive você ne (...) e cada um tem sua dificuldade, alguns tem um apoio de alguém da família, eu não tenho, eu pago pensão, eu tenho outra família e hoje me desculpa (um choro) eu não sei o que fazer para pagar o aluguel. QV não é ter muito, mas é ter um tanto que paga as contas para gente viver. (Roda 10, Trabalhador 231).

Assim, diante das impossibilidades relatadas pelos sentidos atribuídos por um participante do grupo, paralisantes de seu agir no mundo, outro sujeito, com outro posicionamento, apresenta outra possibilidade de ação:

Eu estou aqui pensando, e qualidade de vida não tem a ver com o tanto de dinheiro que tem, desde que temos o que precisamos para viver eu concordo com o colega. Se QV fosse ter casa, carro chique e dinheiro no banco os ricos eram felizes, mas eles não são e o pior que ficam nos roubando estou falando dos políticos. Eles roubam da gente e hoje nem salário temos. E eles eu não sei, mas eu acho que também não tem QV, ficam pensando em ter e ter (...) Eu queria só ter o meu salário e minha vidinha para tocar, para mim isso é a qualidade, eu tenho saúde, minha família, meu trabalho (...) (Roda 10, Trabalhador 109).

Vou falar de mim, não de outras pessoas.... aqui foi interessante porque, eh, acho que do meio do ano pra cá tomei um monte de decisão, ah, (...) não vou levar tudo pra casa, não vou ficar dormindo no ponto mais, não vou ficar vendo a vida passar não....por mais que ando arriscando um pouco mais, tem uns colegas aí que sabe, então...assim, parei, antes sofria, mais preocupada os outros pensando de mim do que ser eu mesma, pensando bem ou mal o importante e que tá pensando em mim (...) acho que a melhor decisão que tomei ultimamente foi arriscar, porque graças a Deus, tô aprendendo muito com essas aventuras aí, ainda mais no trabalho, porque na vida pessoas não tem como arriscar mais, complicado, mas no trabalho tô gostando muito...uma reviravolta, das minhas próprias decisões sabe? O apoio dos colegas eu agradeço muito (...) sabe, mas assim, às vezes tinha um monte de ideia e não falava sabe, agora tô igual metralhadora é tututu, falo tudo (...) qualidade de vida é isso (...) Viver om os riscos. (Roda 10, Trabalhador 27).

Entrar em contato consigo mesmo e pensar sobre a própria qualidade de vida se constitui como acontecimento inseparável da reflexão sobre o contexto em que o sujeito está inserido, visto que ele é inexoravelmente social:

Esse descontentamento com o mundo do consumo possibilitou uma conquista de autonomia pessoal, multiplicando as oportunidades de escolhas individual e as fontes de informação no referente aos produtos (...) favoreceu o surgimento de um indivíduo mais senhor e dono da própria vida (...). (LIPOVETSKY, 2004, p. 41).

Assim, tanto como intervenção em relação ao cotidiano dos trabalhadores como com relação ao repensar do questionário, as Rodas de Conversa Dialógicas possibilitam a ruptura com o que antes não era pensado:

Quando eu prestei atenção neste questionário para responder eu vi que tanta coisa de qualidade de vida, e tudo está relacionado a QV no nosso dia a dia. A minha família, o meu estudo, o meu chefe, meus colegas de trabalho, o dinheiro, o meio ambiente, a parte de segurança, hoje andamos na rua com medo de tudo, isso é ruim demais. Eu antes nem parava para pensar nisso acho que eu vivia a vida parecendo um robô. Hoje eu paro para pensar e por isso acho que eu melhorei até o jeito de ver as coisas, eu melhorei para tomar as decisões, para ficar mais calma, mas quando precisa fico brava (risos). (Roda 10, Trabalhador 230).

Verifica-se que não somente as Rodas que tiveram influência na visão de qualidade de vida dos trabalhadores ao longo do percurso da pesquisa, ou nos movimentos realizados pelos sujeitos, mas que, além disso, podem ter ocorrido fatores de confusão, como fatores externos que influenciam na qualidade de vida e fora do processo das Rodas. Sobre isso, emergiram questões trazidas pelos trabalhadores que se mostraram pouco frequentes, como: o sedentarismo, má alimentação, problemas com relacionamentos, acidente de trabalho e a falta de exercício físico. Um fator, no entanto, que teve um forte impacto no grupo foi a falta de pagamento do salário na época da realização das Rodas 10, em função de contingenciamento no orçamento municipal. “A incerteza do salário infelizmente nos tem sido proporcionada, tem causado inúmeras causas, como ansiedade por exemplo” (Roda 10, Trabalhador 42).

As Rodas, no entanto, trazem possibilidade de intervenção mesmo com relação a esses fatores externos:

“O salário está fazendo falta, mas eu acho que o que me fez mudar mesmo foi o tanto que falamos”. (Roda 10, Trabalhador 148).

Eu achava que eu tinha problemas e fui convivendo com as experiências de cada um vi um jeito que cada um faz para enfrentar os problemas, nossa isso me ajudou muito. Olhar para meu colega, olhar para mim ajudou a mudar algumas coisas e melhorei minha QV a exemplo é parar um pouco e olhar para natureza, coisas simples isso é qualidade vida. (Roda 10, Trabalhador 16).

O trecho apresentado a seguir, por fim, refere-se a um poema escrito por um dos trabalhadores após o percurso das Rodas. Um sujeito que demonstra, por meio da palavra escrita, o quanto ele passou a exercer seu direito de ir e vir, seu direito de existir.

Passou um ano? Passou mesmo? Acho que não me dei conta! Me lembro do dia em que eu entrei e tudo ficou rodando e rodando e rodando. E eu também rodei pelas ruas de Uberlândia. As lições que eu carrego de mais esta experiência são:

Que você pode passar pelas vidas de muitas pessoas sem ser notado;

Que o acaso vai lhe proporcionar os melhores e piores encontros;

Nunca duvidar das gentilezas e nunca subestimar as dificuldades;

Que o sol definitivamente é o mais lindo de todos, porém sem o cuidado necessário pode se tornar o seu pior inimigo;

Que não se dispensa um copo d'água;

Que não se dispensa um banheiro limpo;

Que por "N" motivos, tem muitas pessoas sozinhas, deprimidas e abandonadas;

Que podemos ter lições sobre amor, vida, respeito, política, culinária, ervas medicinais e ódio de desconhecidos sem termos que nos arrastar por dentro disso;

Que ficar de frente ao lugares que você já esteve soará como uma viagem ao passado, trará tudo aquilo que te marcou de lá a tona;

Que um efetivo incomoda muita gente, dois efetivos incomodam, incomodam muito mais;
 Que é melhor passar aquela casa da pessoa que você não se dá muito bem para seu companheiro que não a conhece;
 Que uma pessoa que sentava ao seu lado no ônibus pode vir a ser a sua melhor companheira de trabalho;
 Que as pessoas ainda precisam aprender sobre respeitar a individualidade dos outros, deveriam se preocupar mais com seu próprio desempenho no trabalho e deixar a vida do outro em paz;
 Que foco de dengue se encontra em qualquer lugar, mas tipo... Qualquer lugar MESMO!
 Que os dias chuvosos renderão as melhores amizades;
 E que você pode usar uma picola para canalizar a sua raiva;
 Que algumas estão nisso por opção e outras por falta delas;
 Enfim, foi maravilhoso! Embora alguns "coletivos" eu preferia não ter participado, deu para aprender alguma coisa (de bom ou de ruim) com cada daqueles que conheci! E amanhã ainda é o último dia! E que bom que será o último dia! Acho que eu finalmente depois de muito me arrastar eu vou pedir arrego e descanso! Eu mereço! FIM! (Roda 10, Trabalhador 26).

De forma representativa para a pesquisa, esse depoimento demonstra o quanto, nas Rodas de Conversa Dialógicas, o encontro da pessoa com a sua própria palavra provoca uma mudança tão radical a ponto de aquilo que, aparentemente, era o mais importante torna-se o menos importante diante da liberdade.

Nota-se, por meio do poema, como os valores, as experiências e as práticas sintetizam o percurso das Rodas, em que se observou, no processo convivencial da animadora com os trabalhadores, que o campo dialógico vai, gradativamente, aproximando os participantes de uma captura de si mesmos. Nessa perspectiva reflexiva e processual de construção de afetos, o *WHOQOL-bref* aplicado durante o processo atuou como um instrumento crítico, mais que respostas automáticas, de modo a fomentar uma volta do sujeito da condição alienada e alienante da “leitura de mundo” (FREIRE, 1996) para um deslocamento desse lugar, abrindo oportunidade para novos olhares que antes não eram percebidos. Nesse movimento de reflexão, em que a palavra caminha nos diálogos no âmbito individual e coletivo, os sujeitos começam a se perceber, capazes de se ver a partir da própria leitura que fazem do seu contexto. Nesse momento, ao se verem livres para dizer, livres para inventar, livres para associar-se a outros no ato de refletir o contexto, eles adentram-se na capacidade autônoma para escolher o que eles não podem ver quando a sua captura do contexto está velada pela privatização da modernidade e o peso da trama e dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso precipitada sobre seus ombros (BAUMAN, 2001), anulando-lhes a competência autônoma para ver, conhecer e decidir. Dessa forma, a autonomia chega num plano mais

subjetivo, contudo deslocando o sujeito e permitindo-lhe, mesmo que em pequena margem de decisão, fazer o caminho de sua invenção respondendo-lhe a expectativa do para onde ir.

Tengland (2006) desenvolveu um diagrama analítico em que aborda três categorias interseccionadas, estabelecendo uma relação entre elas, ou seja, Qualidade de Vida, Bem-Estar e Saúde. Da intersecção delas a categoria central comum a todas é a autonomia. *“Autonomy is therefore part of all three areas”* (TENGLAND, 2006, p. 162), também ação central proporcionada pelas Rodas de Conversa Dialógicas. Dessa forma, ao disponibilizar aos trabalhadores possibilidades para que atuem de forma mais autônoma em suas vidas, singular e coletivamente, dessa forma, as Rodas se caracterizam como intervenção possibilitadora de Qualidade de Vida, Saúde e Bem-estar, em um processo que acontece, primeiramente, pela reflexão e depois pela invenção.

6 CONCLUSÃO

A experiência das Rodas de Conversa Dialógicas vem materializar uma trajetória iniciada nos 1990, em que a pesquisadora atuava numa perspectiva mais intuitiva, que foi exigindo, ao longo do percurso, um processo de sistematização e pesquisa. O momento atual reflete os resultados que se obtiveram desse percurso, que nasceu empiricamente de um desejo forte na direção de não repeti-lo, mas encontrar um caminho construído na riqueza das construções humanas e coletivas. O homem é um ser social e o trabalho também é social, logo, essa invenção reproduz a ação humana sobre os desafios da vida para construir respostas possíveis aos problemas complexos da “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001).

Permanentemente, os profissionais que atuam com gestão de pessoas enfrentam dificuldades, quando recebem dos níveis hierárquicos superiores solicitações para atenuar a pressão de conflitos em que vivem os trabalhadores. Dessa forma, ao trilhar os minuciosos caminhos das rodas, foi-se tecendo, ao longo do processo de construção de conhecimento e pesquisa, uma movimentação que não aconteceu de acordo com os tradicionais pedidos institucionais, envolvendo a aplicação de técnicas de grupo, mas buscou-se com os trabalhadores construir uma alternativa que fosse individual no ponto de vista da singularidade de cada um, e coletiva, a partir da riqueza de conhecimento trazida pelo grupo para a invenção de suas respostas possíveis. Essa estratégia de trabalho mediado pela animadora foi costurado no que se denomina Rodas de Conversa Dialógicas: o espaço da liberdade para dizer a palavra.

A dimensão genérica da Roda de Conversa Dialógica pode ser percebida quando se dá a captura dialética da palavra circulando entre os participantes. Tal movimento pleno de criação é alinhado numa perspectiva de possibilidades que são refletidas com a animadora, que construiu um laço com o grupo, preservando a importante referência de confiança que dá a liberdade para se dizer a palavra. Dessa forma, esta dinâmica conectiva de ação e reflexão vai tecendo pelas falas o despertar criativo no grupo, à medida em que se apresentam no discurso sob a forma de “palavra-verdadeira” que é desencadeadora da invenção singular. O conjunto dialógico pronunciado na liberdade de dizer “a sua palavra” traz para o contexto da roda, o “inédito-viável”, criador das invenções individuais híbridas das construções discursivas com os demais.

À medida que se foi aproximando dos objetivos da pesquisa, várias questões foram sendo desveladas na riqueza da coleta de dados, em que algumas foram abordadas no próprio corpo do texto, outras ficarão nos desdobramentos futuros deste trabalho. Espera-se que,

juntamente à tese que aqui se apresenta, outros saberes venham trazer novas perguntas e, por que não? Outras respostas que dialoguem com o tema aqui apresentado. À luz de novos conceitos que estão surgindo entre povos marginalizados como a população indígena, culturas andinas, encontramos o conceito de “bem viver” do equatoriano Acosta (2016), em que para os termos desta pesquisa não foi possível adentrar-se na riqueza conceitual de uma proposta alternativa à panaceia do desenvolvimento econômico como única alternativa para a QV do ser humano (ACOSTA, 2016). Questões como direito da natureza e a revisão do modo como é pensada a civilização são desafios para o futuro. Este espaço de pesquisa tangenciou essas problemáticas questões na escuta qualificada das falas dos trabalhadores. Talvez a tentativa de se construir novas utopias sejam uma tarefa considerada ingênua, mas ainda é o caminho para continuarmos criando, com a grandeza do ser humano como possibilidade viável para seus próprios problemas, ou seja, aquele que pode inventar algo melhor do que isso que aí está.

Do ponto de vista do exercício da pesquisa realizada sustentou-se um comprometimento da pesquisadora com uma posição científica, política e pessoal que incorpora elementos sociais e coletivos em decorrência de uma ativa participação dos trabalhadores, trilhando um caminho de pesquisa-intervenção que esquivou-se de análises generalizantes para não descaracterizar o esforço criativo das Rodas de Conversa Dialógicas que valorizam o conhecimento do sujeito no grupo.

A teorização dessa metodologia é importante por poder contemplar diversas outras aplicações em qualquer segmento, como por exemplo: Instituições públicas e privadas, ONGs, segmentos de saúde, educação, grupos de interesse; atentando-se sempre para o movimento sócio histórico contextualizado à realidade desses lugares e desses sujeitos. Dessa forma pretende-se alcançar a guisa de pesquisa e sensibilidade investigativa a compreensão aplicada de uma metodologia construída coletivamente que se esquivou dos processos ingênuos em que se trabalha o cuidado que é imprescindível à saúde do trabalhador.

Entre as limitações das Rodas de Conversa Dialógicas está o fato de que ela não tem respostas às demandas das necessidades humanas básicas (PEREIRA, 2008). Admitimos a força das determinantes estruturais da sociedade capitalista, que impõe as condições objetivas do trabalho, sujeito a subalternidade das limitações dos aspectos macro societários. No entanto, com tão pouca margem de mudança garantir ao homem aproximar do “ser-mais” (FREIRE, 1978) por meio da partilha da palavra, a sua circulação livre, a pesquisadora observa a possibilidade de gerar um ambiente criativo entre os participantes e estabelecer

meios de se relacionarem com essa realidade, ampliando olhares e criando possibilidades, o que Freire (1978) chamou de “inédito-viável”.

Ressalta-se a importância ética da não neutralidade do(a) pesquisador(a) em relação ao seu objeto de pesquisa; inclusive, a história e o contexto do(a) pesquisador(a) influenciam diretamente em todas as escolhas e trajetórias da investigação, para que as intervenções tenham a sensibilidade e a compreensão necessárias para que a roda aconteça. A pesquisadora se reconhece como trabalhadora, logo, alguém com os ACZ, portanto, uma trabalhadora somada com os demais em que semelhantemente sua história está atravessada e afetada pelas histórias que ali foram compartilhadas. Sendo possível a posição de escuta, a capacidade de estranhamento necessária à problematização, a exposição das contradições e diferenças que propiciam a circulação de palavras outras que não aquelas que estão naturalizadas.

Entende-se, ainda, que o objetivo das rodas não é o de oferecer um manual no fazer grupal; ao contrário, sua potência está em funcionar como inspiração para a criação de novas metodologias e fazeres, em um processo de luta e de construção coletiva pelo trabalho que acreditamos: práticas de ruptura, de transformação, de promoção de salutogênese⁷ de autonomia e de libertação.

Nessa trajetória, ressalta-se o valor que teve o WHOQOL-*bref* pensado como um instrumental vivo nas transformações discursivas que foram emergindo ao longo de sua aplicação. A primeira vez que o WHOQOL-*bref* foi aplicado, o trabalhador respondeu às perguntas de modo um tanto mecânico, porque não é chamado a ver as circunstâncias em que aquela determinada questão o posiciona cotidianamente. Na segunda e terceira etapa, porém, após as falas dos participantes e o intercâmbio de experiências, percebeu-se um pensar mais detido sobre as questões a que estavam respondendo, apresentando um refinamento na percepção de si mesmos, de sua realidade e do conceito de QV, o que constitui a Roda de Conversa Dialógica como um método para a coleta de dados. Uma vez discutidos os aspectos relacionados à qualidade de vida, o retorno para o questionário é realizado de forma reelaborada reflexivamente, de modo que o próprio instrumento pode se aproximar da realidade dessas pessoas.

O principal resultado que pode ser percebido diz respeito ao fato de que a Roda de Conversa Dialógica cumpre seu objetivo, já que uma vez discutidos os aspectos relacionados à qualidade de vida, o retorno para o questionário é efetuado de forma mais reflexiva, em que o próprio instrumento pode se aproximar da realidade dessas pessoas. Não é qualquer grupo,

⁷ Hernan, Morgan e Mena (2013).

porém, que permite a lapidação da percepção sobre qualidade de vida, já que a Roda de Conversa Dialógica é constituída de maneira a proporcionar acolhimento, encontros/confrontos dos sujeitos com o outro, com o diferente, e de modo singular, consigo mesmo, enfrentando a estagnação e a massificação de seu cotidiano para desnaturalizar o que é construído como a sua vida.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Brenda. São Paulo: Elefante, 2016.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ANDALÓ, C. S. A. **Mediação grupal**: uma leitura histórico-cultural. São Paulo: Ágora, 2010.
- ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Chicago, Illinois: Forense Universitária, 1999.
- BAKHTIN, M. M. **La construccion de la enunciacion**. Trad. Ariel Bignami. Barcelona: Anthropos, p. 189, 1993.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Aberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2002.
- BARBOSA, S. R. da C. S. **Qualidade de vida e suas metáforas**: uma reflexão sócio-ambiental. 1996. 326 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Projeto de Cientificidade das clínicas do trabalho e seus desafios no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho. In: _____. **Métodos de Pesquisa e Interação em Psicologia do Trabalho** – Clínicas do Trabalho. São Paulo: Atlas, 2014. p. 03-31.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1347**, de 24 de Julho de 2002. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- _____. Ministério da Saúde. **Lei nº 11.350**, de 05 de Outubro de 2006. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- _____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Diretrizes nacionais para prevenção e controle de epidemias de dengue**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos).
- CARDOSO, A. C. M. O trabalho como determinante do processo saúde-doença. **Tempo Social, Revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 73-94, 2015.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-84, Out.-Dez. 2006.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRONBACH, L. J. Coefficient alpha and the internal structure of tests. **Psychometrika**, Williamsburg, v. 16, n. 3, p. 297-334, 1951.
<https://doi.org/10.1007/BF02310555>

DENSIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. **The Sage handbook of qualitative research**. 4. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2011. p. 1-9.

DUARTE, N. **Vigotski e o “Aprender a Aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. São Paulo: Cortez, 2000a.

_____. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 71, p. 79-1152, 2000b.

FLECK, M. P. A. et al. O instrumento de avaliação de qualidade de vida abreviado da Organização Mundial da Saúde (WHOQOL-breve): aplicação da versão em português. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, n. 2, v. 34, p. 178-83, 2000.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>

FREIRE, P. R. N. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 8a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da Esperança**: Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002a.

_____. **Ação Cultural para liberdade e outros escritos**. 9a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002b.

GONZAQUINHA. **Um Homem Também Chora** (Guerreiro Menino). Rio de Janeiro: GRAVADORA, c.1983. 1 CD.

HERNÁN, M; MORGAN, A; MENA, A. Formación en Salutogénesis y activos para la salud. **Granada: Escuela Andaluza de Salud Pública**, 2013.

HERCULANO, S. A qualidade de vida e seus indicadores. In: _____. **Qualidade de Vida e Riscos Ambientais**. Niterói: Eduff, 2000.

KRAN, F.; FERREIRA, F. P. M. Qualidade de vida na cidade de Palmas - TO: Uma análise através de indicadores habitacionais e ambientais urbanos. In: **Ambient. soc.** [online], v. 9, n. 2, p. 123-141, 2006. ISSN 1809-4422.

LACAZ, F. A. C. O campo Saúde do Trabalhador: resgatando conhecimentos e práticas sobre as relações trabalho-saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Review, p. 757-766, 2007.

LANE, S. T. M. Uma redefinição da Psicologia Social. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 96-103, 1980.

_____. Uma análise do processo grupal. **Cadernos PUC**, São Paulo, v. 11, p. 95-1071, 1981.

_____. O Processo Grupal. In: LANE, S. T. M.; CODÓ, W. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 78-98.

_____. Questões teóricas e metodológicas em Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 21-31, 1989.

_____. O poder em pequenos grupos. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO-SP, 7, 1998, Bauru-SP. **Anais...** Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista, 1998. p. 50-51.

LANE, S. T. M.; FREITAS, M. F. Q. Processo grupal na perspectiva de Ignacio Martín-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 31, n. 2, p. 293-308, 1997.

LARRAURI, M. **A liberdade segundo Hanna Arendt**. São Paulo, SP: Ciranda Cultural, 2000.

LAURELL, A. C. A saúde-doença como processo social. Trad. E. D. Nunes. **Revista Latinoamericana de Salud**, México, n. 2, p. 7-25, 1982.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**. Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

MARTÍN-BARÓ, I. Sistema, grupo y poder. In: ANAIS DA PSICOLOGIA SOCIAL DESDE CENTROAMÉRICA, 2, 1989, San Salvador. **Anais...** San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, 1989. p. 23-64.

MARTINS, S. T. F. M. Psicologia Social e Processo Grupal: a coerência entre fazer, pensar e sentir em Sílvia Lane. **Psicologia & Sociedade** [online], v.19, n. spe 2, p.76-80, 2007. ISSN 0102-7182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822007000500022&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 ago. de 2018.

MARTINS, C. H. B. Pobreza, meio ambiente e qualidade de vida: indicadores para o desenvolvimento humano sustentável. **Indic. Econ. FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 3, p. 171-188, dez. 2002.

MARX, K; ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. 3. ed., São Paulo, Global, 1988.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

McHORNEY, C. A. et al. The MOS 36 item short-form healthy survey (SF-36): III. Test of data quality, scaling assumptions and reliability across diverse patient groups. **Medical Care**, Philadelphia, v. 32, n. 1, p. 40-66, 1994.

<https://doi.org/10.1097/00005650-199401000-00004>

MENDES, R.; DIAS, E. C. Da medicina do trabalho à saúde do trabalhador. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, Review, 1991, p. 341-349.

PEREIRA, P. A. P. **Necessidades Humanas**: subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez, 2008.

PEREIRA, E. S. **Rodas de Conversa**: cuidando do trabalhador, aqui tem a força da palavra. Curitiba: Prismas, 2015.

SACHS, I. **Rumo à ecossocioeconomia**: teoria e prática do desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2007.

SALZANO, L. F. Conceitos de qualidade de vida e relação com os Direitos Fundamentais da Constituição Federal Brasileira de 1988. In: **Revista Eletrônica Artigos Jurídicos e Direito em Debate (REAJDD)**, v. 5, 2013.

SELIGMANN-SILVA, E. **Trabalho e desgaste mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, O. C. Pesquisa e intervenção em clínica da atividade: a análise do trabalho em movimento. In: BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. (Orgs.) **Métodos de Pesquisa e Intervenção em Psicologia do Trabalho** – Clínicas do Trabalho. São Paulo: Atlas, 2014. p. 81-99.

SIRGADO, A. P. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educ. Soc.** [online], v. 21, n.71, p. 45-78, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302000000200003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 ago. de 2018.

SMOLKA, A. L. B. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 71, p. 166-193, 2000.

<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200008>

TENGLAND, P. The goals of health work: Quality of life, health and welfare. Scientific Contribution. Medicine, Health Care and Philosophy. **Dordrecht**, v. 9, p. 155-167, 2006.

<https://doi.org/10.1007/s11019-005-5642-5>

THE WHOQOL GROUP - WHOQOL. The World Health Organization quality of life assessment: Position paper from the World Health Organization. **Soc Sci Med.**, Oxford, v. 41, n. 10, p. 1403-14039, 1995.

_____. Development of the World Health Organization WHOQOL-BREF quality of life assessment. The WHOQOL Group. **Psychol Med.**, 1998, v. 28, p. 3, p. 551-558.

WOLCOTT, H. F. **Transforming Qualitative Data:** Description, Analysis, and Interpretation. Londres: SAGE Publications, 1994.

ZANELLA, A. V.; PEREIRA, R. S. Constituir-se enquanto grupo. **Estudos de Psicologia**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 105-114, 2001.

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100011>

ZIMMERMAN, D. E. Fundamentos teóricos. In: ZIMMERMAN, D. E.; OSORIO, L. C. (Orgs). **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 23-31.

Apêndice A - A DINÂMICA DA RODA DE CONVERSA DIALÓGICA

A dinâmica de cada Roda de Conversa Dialógica foi sendo delineada conforme o próprio processo dos grupos ganha espaço de acontecimento. Os temas geradores de cada Roda foram percebidos a partir da primeira e registrados, para que fossem tratados nos encontros seguintes, entre eles: sofrimento no trabalho, relação interpessoal/profissional, o processo de comunicação no trabalho e na família, relações com o cotidiano, atribuição de sentido e afeto a si mesmo e ao outro. É perceptível que algumas questões perpassam por todas as Rodas, entrelaçando-se aos temas geradores e tornando-se parte de cada uma delas: o trabalho fundante do ser social.

Roda de Conversa 1: Espiral Iconográfica – Desvendamento de objetos

- Apresentação da proposta das Rodas de Conversa Dialógicas;
- Construção do código de convivência;
- Apresentação, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Aplicação do questionário WHOQOL-*bref* (Momento 0);
- Desvendamento de objetos – apresentação de cada participante do grupo utilizando diversos objetos;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.
- Percepção dos temas geradores a serem trabalhados nas Rodas seguintes.

Roda de Conversa Dialógica 2: Relações interpessoais e grupalização

- Atividade em dupla: confecção de crachás de um participante sobre o outro, por meio revistas, desenhos e colagens;
- Apresentação de cada um sobre o outro participante;
- Ampliação da discussão para todo o grupo sobre a própria atividade;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 3: Desenvolvimento singular e fortalecimento do coletivo

- Apresentação de recurso estético;

- Formação de subgrupos onde cada participante apresentava uma limitação e ganhavam uma tarefa coletiva para cumprir;
- Discussão em grupo sobre essa experiência;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 4: Construção de um espaço dialógico: comunicação e escuta.

- Divisão do grupo em duplas, em que cada participante conta algo para o colega e vice-versa. Aquele que ouve, deve fazê-lo atentamente;
- Partilha das histórias para toda a Roda, em que são expostas as contradições que surgem na própria atividade;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 5: Simbolizando sonhos

- Cada participante faz um desenho próprio sobre Qualidade de Vida;
- Os desenhos transitam por todos os participantes, que fazem as mudanças que desejarem;
- A discussão sobre esse processo é realizada com todo o grupo;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.
- Aplicação do questionário WHOQOL-*bref* (Momento 1).

Roda de Conversa Dialógica 6: Espelhos de diálogos cognoscentes

- Em dupla, uma participante conta para o outro o que já aprendeu com ele e o que vê sobre si mesmo nele;
- Abre-se discussão para o grupo todo sobre como foi o processo de realização da própria atividade;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 7: Resgate da história – identidade

- Apresentação de recurso estético e movimentação dos participantes pela sala, para em seguida encontrarem uma posição confortável para olharem para si mesmos;
- Reflexão pessoal dos participantes: olhar para a sua relação com o mundo e com as pessoas (família, colega, amigos, comunidade), localizando-se nesses vários lugares a

condição de sujeito desse trabalhador;

- Discussão em grupo sobre as reflexões geradas pela atividade;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 8: Acordo e desacordo. O caminho se faz caminhando

- Individualmente, cada participante escreve, em uma folha, aquilo que traz como potência para superar os desafios e problemas e, do outro lado, como ele percebe as dificuldades que tem para atingir o que precisa;
- Compartilhamento no grupo todo e percepção de como olhar para si mesmo desconstrói o processo de alienação e abre possibilidades de criar um novo caminho;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 9: Família e Rede de identificações

- Individualmente, cada um identifica suas características e valores herdados de forma geracional;
- Compartilhamento em grupo sobre essas reflexões e o efeito delas na vida de cada participante;
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

Roda de Conversa Dialógica 10- Desenho em grupo com colagem sobre QV

- Subgrupos usaram colagem para desenhar sobre Qualidade de Vida;
- Uma pessoa de cada subgrupo apresentou a produção do grupo;
- Abertura da Roda para discussão sobre a atividade, o próprio processo de realização de todas as Rodas de Conversa Dialógicas e as movimentações que surgiram ao longo desse tempo;
- Aplicação do questionário WHOQOL-*bref* (Momento 2);
- Coleta dos dados sociodemográficos
- Finalização da Roda com uma palavra, frase ou música de fechamento.

APÊNDICE B - DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

DADOS SOCIODEMOGRAFICOS

Tipo de Vínculo de Trabalho

☐ Efetivo ☐ Contratado

Tempo de serviço

☐ Menos de 1 ano

☐ De 1 ano a 3 anos

☐ 3 anos a 5 anos

☐ Acima de 5 anos

Idade: _____

Gênero: _____

Estado civil

☐ Solteiro(a)

☐ Casado (a)

☐ União estável

☐ Divorciado(a)/Separado(a)

☐ Viúvo (a)

Filhos

☐ Não tem

☐ Tem . Quantos: _____

Escolaridade

☐ Fundamental ☐ Completo ☐ Incompleto

☐ Ensino médio ☐ Completo ☐ Incompleto

☐ Ensino superior ☐ Completo ☐ incompleto

☐ Pós- Graduação ☐ Completo ☐ Incompleto

ANEXO A – PARECER DO CEP - UFU-MG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: LAPIDANDO A PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA POR MEIO DE DIÁLOGOS REFLEXIVOS NAS RODAS DE CONVERSA.

Pesquisador: ROGÉRIO DE MELO COSTA PINTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40720614.5.0000.5152

Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 969.640

Data da Relatoria: 05/02/2015

Apresentação do Projeto:

"As rodas de conversa utilizam o diálogo como função terapêutica, o movimento provocado dessa interação com os demais amplia a percepção e os juízos sobre as questões cotidianas abordadas coletivamente, resultando uma reflexão sobre a qualidade de vida relacionada com a sua experiência singular. O objetivo da pesquisa é avaliar a eficácia da intervenção das rodas de conversa e outros fatores que possam interferir na percepção da qualidade de vida dos trabalhadores do Centro de Controle de Zoonoses do Município de Uberlândia. A investigação será estruturada em uma pesquisa-ação, colhendo os dados quantitativos em três etapas, utilizando o questionário da OMS, WHOQOL-bref – (World Health Organization Quality of Life), o qual tem por finalidade de medir a percepção da Qualidade de Vida, e os dados qualitativos nas rodas de conversas em 10 encontros. Para avaliar os escores da QVRS nas três etapas será utilizada a ANOVA (Analysis of Variance - análise de variância) para determinar quanto uma variável dependente é afetada por uma variável independente) para medidas repetidas."

"A pesquisa será realizada com 400 trabalhadores do Centro de Controle de Zoonoses - Programa de Controle de Dengue - por meio do questionário WHOQOL-bref – (World Health Organization Quality of Life) o qual tem por finalidade de medir a percepção da Qualidade de Vida, aplicado com a estratégia das rodas de conversa divididas em 10 encontros de 120 minutos, com grupos de

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



Continuação do Parecer: 969.640

aproximadamente 25 Agente de Controle de Zoonoses, no período de 20 meses a contar da data de liberação ética pelo CEP. A seleção dos sujeitos a serem incluídos na pesquisa se dará de forma voluntária. Será realizado um convite com esclarecimento para os participantes sobre a proposta do desenvolvimento do trabalho com coletivos."

Hipótese:

"A intervenção, por meio das rodas de conversa explorando o diálogo é uma alternativa para melhorar a percepção da qualidade de vida dos trabalhadores."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

"Avaliar a eficácia da intervenção das rodas de conversa e outros fatores que possam interferir na percepção da qualidade de vida dos trabalhadores do CCZ."

Objetivo Secundário:

"Identificar o movimento realizado pelos trabalhadores quando inseridos em dinâmicas reflexivas sobre a qualidade de vida."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo os pesquisadores:

Riscos:

A execução desta pesquisa obedecerá aos procedimentos metodológicos conforme critérios do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-UFU), conforme Resolução nº 466/12 do CONEP. Os sujeitos de pesquisa podem ser identificados, porém, a equipe executora está preparada para resguardar o anonimato dos entrevistados. A pesquisa será desenvolvida com os trabalhadores do CCZ – Programa de Controle de Dengue, e será livre e isenta de qualquer coerção. A pesquisa somente será iniciada após a explicação completa e pormenorizada sobre a natureza desse trabalho, seus objetivos, métodos, benefícios e riscos. Os pesquisados são livres para deixar a pesquisa a qualquer momento, caso desejarem.

Benefícios:

Pretende-se a partir dos resultados da pesquisa aprimorar a utilização do instrumental WHOQOL-bref utilizado para medir a percepção da qualidade de vida com a introdução das rodas de conversa dialógicas-reflexivas que abordem os quatro aspectos: físico, social, psicológico e ambiental. O processo pressupõe atividades em grupo que poderão trazer para os grupos participantes o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a própria vida e no desdobramento destas atividades os participantes também podem encontrar alternativas para

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



Continuação do Parecer: 969.640

situações conflitantes de sua própria vida. Os participantes da pesquisa não terão nenhum tipo de benefício financeiro, e também não terão despesas reais como participante voluntário da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos apresentados e corretos.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Data para entrega de Relatório Final ao CEP/UFU: junho/julho de 2017.

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

O CEP/UFU lembra que:

a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.

b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4335

E-mail: cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



Continuação do Parecer: 969.640

Orientações ao pesquisador :

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

UBERLÂNDIA, 02 de Março de 2015

Assinado por:
Sandra Terezinha de Farias Furtado
(Coordenador)

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: LAPIDANDO A PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA POR MEIO DE DIÁLOGOS REFLEXIVOS NAS RODAS DE CONVERSA.

Pesquisador: ROGÉRIO DE MELO COSTA PINTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40720614.5.0000.5152

Instituição Proponente: Universidade Federal de Uberlândia/ UFU/ MG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.550.620

Apresentação do Projeto:

Trata-se de emenda ao projeto de pesquisa, justificada por atraso no cronograma em razão de problemas de saúde da pesquisadora. Também há solicitação justificada para a inclusão de dados demográficos na pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Nos termos do projeto:

"Objetivo Primário:

Avaliar a eficácia da intervenção das rodas de conversa e outros fatores que possam interferir na percepção da qualidade de vida dos trabalhadores do CCZ.

Objetivo Secundário:

Identificar o movimento realizado pelos trabalhadores quando inseridos em dinâmicas reflexivas sobre a qualidade de vida"

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios revelam-se aceitáveis do ponto de vista ético. Nos termos do projeto:

"Riscos:

A execução desta pesquisa obedecerá aos procedimentos metodológicos conforme critérios do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-UFU), conforme Resolução no 466/12 do CONEP. Os sujeitos de pesquisa podem ser identificados, porém, a equipe executora está

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica

Bairro: Santa Mônica

CEP: 38.408-144

UF: MG

Município: UBERLÂNDIA

Telefone: (34)3239-4131

Fax: (34)3239-4335

E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 2.550.620

preparada para resguardar o anonimato dos entrevistados. A pesquisa será desenvolvida com os trabalhadores do CCZ – Programa de Controle de Dengue, e será livre e isenta de qualquer coerção. A pesquisa somente será iniciada após a explicação completa e pormenorizada sobre a natureza desse trabalho, seus objetivos, métodos, benefícios e riscos. Os pesquisados são livres para deixar a pesquisa a qualquer momento, caso desejarem.

Benefícios:

Pretende-se a partir dos resultados da pesquisa aprimorar a utilização do instrumental WHOQOL-bref utilizado para medir a percepção da qualidade de vida com a introdução das rodas de conversa dialógicas-reflexivas que abordem os quatro aspectos: físico, social, psicológico e ambiental. O processo pressupõe atividades em grupo que poderão trazer para os grupos participantes o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a própria vida e no desdobramento destas atividades os participantes também podem encontrar alternativas para situações conflitantes de sua própria vida. Os participantes da pesquisa não terão nenhum tipo de benefício financeiro, e também não terão despesas reais como participante voluntário da pesquisa."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto relevante. A emenda é justificável.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos devidamente apresentados já na submissão original do projeto. Não houve alterações.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, o CEP manifesta-se pela aprovação da emenda.

Considerações Finais a critério do CEP:

OBS.: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 466/12, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA/MG



Continuação do Parecer: 2.550.620

documentação pertinente ao projeto.

c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução CNS 466/12, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Orientações ao pesquisador :

- O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12) e deve receber uma via original do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.
- O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS 466/12), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS 466/12). É papel de o pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projetos do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma, junto com o parecer aprobatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.251/97, item III.2.e).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1067513_E1.pdf	25/01/2018 17:22:16		Aceito
Outros	emenda.pdf	25/01/2018 17:20:49	Erlândia Silva Pereira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Proj_pes_lapidando_comite_etica_24_01_18.pdf	25/01/2018 17:16:30	Erlândia Silva Pereira	Aceito

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica CEP: 38.408-144
UF: MG Município: UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 Fax: (34)3239-4335 E-mail: cep@propp.ufu.br



Continuação do Parecer: 2.550.620

Folha de Rosto	folha_de_rosto0001.pdf	22/08/2014 00:02:04		Aceito
Outros	Instrumento_pesquisa_questionario.pdf	30/07/2014 22:22:47		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Modelo_TCLE.pdf	23/07/2014 19:36:13		Aceito
Outros	Link lattes da equipe executora da pesquisa.pdf	20/07/2014 22:17:53		Aceito
Outros	Declaracao_inst_co_participante.pdf	20/07/2014 22:17:15		Aceito
Outros	Solicitacao_pesquisador.pdf	20/07/2014 22:13:34		Aceito
Outros	Termo_comp_equipe_exec.pdf	20/07/2014 22:09:01		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UBERLÂNDIA, 19 de Março de 2018

Assinado por:
Sandra Terezinha de Farias Furtado
 (Coordenador)

Endereço: Av. João Naves de Ávila 2121- Bloco "1A", sala 224 - Campus Sta. Mônica
Bairro: Santa Mônica **CEP:** 38.408-144
UF: MG **Município:** UBERLÂNDIA
Telefone: (34)3239-4131 **Fax:** (34)3239-4335 **E-mail:** cep@propp.ufu.br

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **LAPIDANDO A PERCEPÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA POR MEIO DE DIÁLOGOS REFLEXIVOS NAS RODAS DE CONVERSA**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Rogério de Melo Costa Pinto, Erlândia Silva Pereira, Helena Borges Martins da Silva Paro. Nesta pesquisa nós estamos buscando avaliar a eficácia da intervenção das rodas de conversa e outros fatores que possam interferir na percepção da qualidade de vida dos trabalhadores do Centro de Controle de Zoonoses - CCZ e identificar o movimento realizado pelos trabalhadores quando inseridos em dinâmicas reflexivas sobre a qualidade de vida.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora Erlândia Silva Pereira e equipe no Centro de Controle de Zoonoses em reunião previamente agendada no local e horário de trabalho. Na sua participação você responderá um questionário em três etapas sobre qualidade de vida e participará de 10 encontros das rodas de conversa, que serão gravadas. As gravações após a análise e transcrição dos dados serão desgravadas. A análise dos dados será processada e transformada em relatório de pesquisa. A equipe de pesquisa se compromete a manter o sigilo da sua identidade. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos consistem que os sujeitos de pesquisa podem ser identificados, porém, a equipe executora está preparada para resguardar o anonimato dos entrevistados. Os benefícios são aprimorar a utilização do instrumental *WHOQOL-bref* utilizado para medir a percepção da qualidade de vida com a introdução das rodas de conversa dialógicas-reflexivas que abordem os quatro aspectos: físico, social, psicológico e ambiental. O processo pressupõe atividades que poderão trazer para os grupos participantes o desenvolvimento de uma percepção crítica sobre a própria vida. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Rogério Pinto, Av. João Naves de Ávila, 2121, Campus Santa Mônica - Bloco J - Sala 1J103, Uberlândia - MG - CEP: 38.408-100, telefone (34) 32394500, Erlândia Silva Pereira, Av. Anselmo Alves Santos, 600, Santa Mônica, Uberlândia - MG - CEP: 38.408-150 telefone (34)32553028, e Helena Borges Martins da Silva Paro, Av. Pará, 1720 bloco H, Campus Umuarama -

Uberlândia- MG, CEP: 38405- 320, telefone (34) 3218-2389. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A,sala 224, Campus Santa Mônica – Uberlândia –MG, CEP: 38408-100; fone: 34-3239-4131

Uberlândia,

Nome

Nome

Nome

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

ANEXO C - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA WHOQOL-BREF

INSTRUMENTAL DE PESQUISA

VERSÃO EM PORTUGUÊS DOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE QUALIDADE DE VIDA (WHOQOL, 1998)

Somente para uso da coordenação. A pontuação dos escores deverá ser realizada utilizando o programa estatístico SPSS com a sintaxe do WHOQOL-bref.

Instruções					
Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor, responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, realize sua escolha dentre as alternativas que lhe pareçam mais apropriadas, por favor. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas. Pensando nas últimas duas semanas, uma questão poderia ser, por exemplo:					
	nada	Muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	4	5

Você deve circular o número que melhor corresponde ao quanto você recebe dos outros o apoio de que necessita nestas últimas duas semanas.
Portanto, você deve circular o número 4 se você recebeu “muito” apoio, como abaixo.

	Nada	Muito pouco	médio	muito	completamente
Você recebe dos outros o apoio de que necessita?	1	2	3	④	5

Você deve circular o número 1 se você não recebeu “nada” de apoio.

Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe pareça a melhor resposta.

		muito ruim	Ruim	nem ruim nem boa	boa	muito boa
--	--	------------	------	---------------------	-----	--------------

1	Como você avaliaria sua qualidade de vida?	1	2	3	4	5
		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	muito satisfeito
2	Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	1	2	3	4	5

As questões seguintes são sobre **o quanto** você tem sentido algumas coisas nas últimas duas semanas.

		nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
3	Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa fazer?	1	2	3	4	5
4	O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	1	2	3	4	5
5	O quanto você aproveita a vida?	1	2	3	4	5
6	Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?	1	2	3	4	5
7	O quanto você consegue se concentrar?	1	2	3	4	5
8	Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?	1	2	3	4	5
9	Quão saudável é o seu	1	2	3	4	5

	ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?					
--	--	--	--	--	--	--

As questões seguintes são sobre **quão completamente** você tem sentido ou foi capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas.

		Nada	muito pouco	médio	muito	completamente
10	Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
11	Você é capaz de aceitar sua aparência física?	1	2	3	4	5
12	Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?	1	2	3	4	5
13	Quão disponíveis para você estão as informações de que precisa no seu dia-a-dia?	1	2	3	4	5
14	Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?	1	2	3	4	5

As questões seguintes perguntam sobre **quão bem ou satisfeito** você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

		muito ruim	ruim	nem ruim nem bom	bom	muito bom
15	Quão bem você é capaz de se locomover?	1	2	3	4	5
		muito insatisfeito	Insatisfeito	nem satisfeito nem insatisfeito	satisfeito	Muito satisfeito

				0		
16	Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?	1	2	3	4	5
17	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenh ar as atividades do seu dia- a-dia?	1	2	3	4	5
18	Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?	1	2	3	4	5
19	Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?	1	2	3	4	5
20	Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?	1	2	3	4	5
21	Quão satisfeito(a) você está com sua vida	1	2	3	4	5

	sexual?					
22	Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?	1	2	3	4	5
23	Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	1	2	3	4	5
24	Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	1	2	3	4	5
25	Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	1	2	3	4	5

As questões seguintes referem-se a **com que frequência** você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

		nunca	Algumas vezes	freqüentemente	muito freqüentemente	sempre
26	Com que frequência você tem sentimento	1	2	3	4	5

	s negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão ?					
--	--	--	--	--	--	--